

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 1995



A LIAHONA

JUNHO DE 1995



Na capa:

Primeira Capa: Cristo Aparece a Joseph Smith e a Oliver Cowdery no Templo de Kirtland, de Robert T. Barrett. "Vimos diante de nós o Senhor, de pé (...)", testificou o Profeta Joseph. "Seus olhos eram como a labareda de fogo, os cabelos de Sua cabeça eram brancos como a pura neve; Seu semblante resplandecia mais do que o sol" (D&C 110:2-3). Revelações modernas, como esta, nos dão maior conhecimento a respeito do Salvador. Veja o apreço do Presidente Gordon B. Hinckley pelo Profeta Joseph Smith (página 8) e "Nova Luz a respeito da Vida Mortal e dos Ensinamentos de Jesus" (página 32). Última Capa: O Cristo Ressuscitado Abençoa as Crianças Nefitas, de Robert T. Barrett.

Capa da Seção Infantil:

A Oração do Companheiro, de Simon Dewey. Esta foi uma das 500 obras de arte provenientes de todo o mundo e submetidas ao Terceiro Concurso Internacional de Arte patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja.

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "SE QUISERDES, E OBEDECERDES"

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

JOSEPH SMITH—VERDADEIRAMENTE UM PROFETA

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 8

O PAI E A FAMÍLIA

SUSAN ZIMMERMAN 18

A PROFESSORA DO GRÃO DE MOSTARDA

JANET SCHILLER 24

UM PASSO VACILANTE DE CADA VEZ

ALBERT PETERS 28

NOVA LUZ A RESPEITO DA VIDA MORTAL E DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

32

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

MUROS DERRUBADOS RICHARD M. ROMNEY 12

QUEM SOU EU? DEREK TUCKER 20

REMÉDIO PARA O ESPÍRITO MICHAELA BLADOVÁ 26

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROEessoras VISITANTES: ORAR COM PROPÓSITO

25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON:

CAPITÃO MORÔNI E PAORÁ 2

SÓ PARA DIVERTIR 5

IRMÃOS SHEILA KINDRED 6

TEMPO DE COMPARTILHAR:

CREIO QUE O SACERDÓCIO ABENÇO A MINHA VIDA

KAREN LOFGREEN 10

MÚSICA: ESCOLHENDO O QUE É CERTO 12

FICÇÃO: RENATO SALVA O DIA JENNY S. HATCH 14

JUNHO DE 1995, Vol. 19, nº 6

A LIAHONA, 95986 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: MaryAnn Martindale

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Darwyler,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:

Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,

Caixa Postal 26023

05599-970 - São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R\$ 10,00;**

para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua

Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada.

Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples

US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R\$ 0,85.**

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o

número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas

Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº

4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é

publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês,

inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,

norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês;

bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e

trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.

Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua

Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-

nos o direito de publicar somente os artigos solicitados

pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as

colaborações para apreciação da redação e da equipe

internacional do "International Magazine". Colaborações

espontâneas e matérias dos correspondentes estarão

sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,

2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011)

816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published

monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day

Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah

84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah

and at additional mailing offices. Subscription price

\$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice

required for change of address. When ordering a change,

include address label from a recent issue; changes cannot

be made unless both the old address and the new are

included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and

queries to Church Magazines, 50 East North Temple

Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription

information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA

at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah

84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

persuade-me a fazer o bem.

Trato cada exemplar como um tesouro precioso.

Leda Carolina Sarmiento Schwartz

Ala I White Plains

Estaca Maryland Suitland

CONVERSO LITUANO

Tenho 41 anos de idade e sou membro da Igreja na Lituânia desde fevereiro de 1993. Após unir-me à Igreja passei a ser uma nova pessoa. Embora a vida seja complicada, sinto uma estabilidade interna devido a meu testemunho de Jesus Cristo e da veracidade da Igreja e de seus ensinamentos.

Sendo um cientista que seguia uma abordagem materialista da vida, no início foi difícil aceitar a mensagem dos missionários. Sou grato pelo trabalho nobre que desempenham. Sou hoje um portador do sacerdócio e mestre familiar.

Minha esposa não é membro, mas juntos organizamos noites familiares com outros membros de nosso ramo, o Ramo 1 de Vilnius. Também temos a oportunidade de ler a revista da Igreja chamada *Liahona* publicada em russo.

Gazim Bizhanov

Vilnius, Lituânia

ERRATA: No crédito da música "Natividade", publicada na seção infantil de dezembro de 1994, deve-se ler: Adaptada do poema "A História da Natividade", de Avon Allen Compton. Letra e Música: Patricia Kelsey Graham, n. 1940. © 1980 SUD.

ENSINANDO PRINCÍPIOS

DO EVANGELHO

Como professor de doutrina do evangelho em minha ala, sou muito grato pela enorme ajuda que recebo de *O Ie Liahona* (samoano). Os artigos são um recurso valioso para o ensino dos princípios do evangelho.

Gosto também de ler a respeito das experiências e dos testemunhos de santos de outras partes do mundo. Ajudam-me a lembrar que tenho irmãos e irmãs que também têm sido abençoados pelo evangelho de Jesus Cristo.

Aguardo ansioso pela entrega da revista a cada mês. Gostaria que todos recebessem um exemplar.

Aleni Saulo Fuatimau

Ala Satapuala

Estaca Upolu Samoa Oeste

UM TESOURO PRECIOSO

Sou membro da Igreja há 14 anos e vivo nos Estados Unidos há três. Durante esses três anos, perdi contato com a *Liahona* (espanhol) e senti um vazio na vida. Somente há pouco tempo descobri que poderia assinar a revista aqui.

A *Liahona* é minha bússola. Vem em meu próprio idioma, que tem tanto valor para mim, pois é o idioma em que me comunico com o Pai Celestial. Os artigos, especialmente os que são escritos pelas Autoridades Gerais, tocam a parte mais profunda de meu ser e ampliam meu testemunho.

A revista me edifica, nutre meu espírito, eleva-me a nobres altitudes e



“Se Quiserdes, e Obedecerdes”

Presidente Gordon B. Hinckley

Há vários anos, estive em Londres e observei, na Trafalgar Square, a estátua de Lorde Nelson. (N. T. — Horatio Nelson, almirante inglês que derrotou Napoleão.) Gravadas ao pé da coluna estão as palavras que proferiu na manhã da Batalha de Trafalgar: “A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever.” Lorde Nelson foi morto, como muitos outros, naquele dia histórico de 1805; mas a Inglaterra foi salva e a Grã-Bretanha tornou-se um império.

De lá para cá, a imagem do dever e da obediência foi seriamente prejudicada, mas isso não é característica só dos nossos tempos; é tão velho quanto a história da humanidade. Isaías declarou ao povo de Israel:

“Se quiserdes, e obedecerdes, comereis o bem desta terra.

Mas se recusardes, e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do Senhor o disse.” (Isaías 1:19–20)

Lembro-me de quando tinha 14 ou 15 anos e estava sentado neste



Quando menino, Samuel, acima, ouviu a voz do Senhor e foi obediente ao mandamentos de Deus. Como grande profeta, à esquerda, declarou ao desobediente Rei Saul: “O obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros”.

tabernáculo—no balcão, atrás do relógio—ouvindo o Presidente Heber J. Grant contar a experiência de ter lido o Livro de Mórmon quando menino. Falou da grande influência de Néfi em sua vida e, depois, com uma convicção que nunca esquecerei, citou estas grandes palavras de Néfi: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, porque sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7)

Naquele momento, meu jovem coração decidiu que tentaria fazer o que o Senhor ordenasse. Que coisas maravilhosas acontecem quando homens e mulheres têm fé e obedecem ao que deles se requer! Lembrome da história do Comandante William Robert Anderson, oficial naval que comandou o submarino *Nautilus* na viagem por sob o gelo polar do Oceano Pacífico para o Oceano Atlântico, um feito ousado e perigoso. A narrativa incluía um grande número de outras explorações igualmente perigosas e concluía com a declaração de que o comandante levava na carteira um velho cartão, no qual se liam as seguintes palavras: “Creio que Deus sempre abrirá um caminho onde não houver caminho.”

Também acredito que Deus abrirá um caminho onde não houver

caminho. Acredito que, se formos obedientes aos mandamentos de Deus e seguirmos os conselhos do sacerdócio, Ele abrirá um caminho até mesmo onde aparentemente não houver saída.

A OBEDIÊNCIA DOS PROFETAS

Conhecemos o relato bíblico de Samuel, que quando menino ouviu a voz do Senhor e respondeu: “Fala, porque o teu servo ouve.” (1 Samuel 3:10) Daquele dia em diante, Samuel foi obediente aos mandamentos de Deus e tornou-se o grande profeta de Israel. Foi quem escolheu e ordenou tanto o Rei Saul quanto o Rei Davi e quem disse a Saul, numa repreensão que ecoa através das eras: “(. . .) o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.” (1 Samuel 15:22)

Sinto-me fortalecido por uma simples passagem bíblica a respeito do Profeta Elias, que preveniu o Rei Acabe da seca e fome que viriam sobre a terra. Acabe zombou do aviso. O Senhor disse a Elias que se escondesse perto do ribeiro de Querite e lá bebesse suas águas e fosse sustentado pelos corvos. A escritura registra uma ação simples e maravilhosa de Elias: “Foi, pois, e fez conforme a palavra do Senhor.” (1 Reis 17:5)

Não houve argumentação,

desculpas nem equívocos. Elias simplesmente “foi e fez conforme a palavra do Senhor”. E foi poupado das terríveis calamidades que caíram sobre os que escarneciam, argumentavam e discutiam.

SENSAÇÃO DE INADEQUAÇÃO

Nem sempre é fácil ser obediente à voz do Senhor. Podemos sentir-nos inadequados. Podemos encontrar conforto na conversa de Moisés com Jeová. Jeová ordenara a Moisés que tirasse Israel do Egito. Na época, Moisés era fugitivo e pastoreava ovelhas. Quão inadequado deve ter-se sentido!

“Então disse Moisés ao Senhor: Ah, meu Senhor! eu não sou homem eloqüente, (. . .) porque sou pesado de boca e pesado de língua.” (E quase posso ouvi-lo dizer: “Por favor, não me faça esse pedido.”)

E disse-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? (. . .).

Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar.” (Êxodo 4:10–12)

O CHAMADO DE HEBER C. KIMBALL

Em 1837, quando a Igreja passava por maus momentos em Kirtland, Ohio, o Profeta chamou Heber C. Kimball para dar início à obra na Inglaterra. O Irmão Kimball, humi-



ILUSTRADO POR GARY KAPP

lhando-se, exclamou: “Ó Senhor, sou um homem gago e inteiramente inadequado para esse trabalho; como posso pregar nessa terra tão conhecida em toda a cristandade por seu conhecimento, saber e piedade (...), para um povo cuja inteligência é proverbial!”

Mais tarde, porém, refletindo, acrescentou: “Contudo, todas essas considerações não me afastaram da vereda do dever; no momento em que compreendi a vontade do Pai Celestial, senti a determinação de ir a despeito de tudo, acreditando que Ele me apoiaria, por Seu poder ilimitado, e me revestiria de todas as qualificações necessárias; e embora minha família me fosse muito querida, e eu tivesse que deixá-los quase à míngua, senti que a causa da verdade, o evangelho de Cristo, superava qualquer outra consideração.” [Citado em Orson F. Whitney, *The Life of*

Heber C. Kimball (A Vida de Heber C. Kimball), Salt Lake City: Bookcraft, 1967, p. 104.]

Ele e seus companheiros atravessaram o oceano e iniciaram o trabalho em Preston, Lancashire, com a oposição dos próprios demônios do inferno. Assim começou, naquela parte do mundo, a obra que tem abençoado inúmeras pessoas.

DESIGNAÇÕES DIFÍCEIS

As designações dadas a nós, ou o quinhão que recebemos na vida, podem ser difíceis. Certamente, muitos pioneiros santos dos últimos dias—do passado e mesmo os de hoje que enfrentam situações difíceis—devem ter sentido isso. Naamã, o leproso, com seus cavalos, carruagem, presentes e ouro, foi procurar o Profeta Eliseu para que este o curasse. Eliseu, sem ir vê-lo, mandou

Apesar de sentir-se inadequado, Heber C. Kimball, em 1837, obedeceu ao chamado do Senhor de servir missão na Inglaterra. Ansioso para partir, não pôde esperar o transatlântico atracar e tomou um barco para ir ao navio.

um mensageiro, dizendo: “Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficarás purificado.” (Ver II Reis 5:1–10.)

Mas Naamã, o orgulhoso capitão das hostes sírias, sentiu-se ofendido e foi embora. Somente quando seus servos lhe imploraram, humilhou-se suficientemente para retornar. O registro diz: “Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou-se como a carne de um menino, e ficou purificado.” (Ver versículos 11–14.)

Às vezes, a designação que queremos evitar é exatamente aquela que nos dará uma grande bênção.

Há muitos anos, eu estava em missão na Inglaterra e fora chamado para trabalhar no escritório da Missão Européia, cujo presidente era Joseph F. Merrill, do Conselho dos Doze. Um dia, três ou quatro jornais de Londres apresentaram uma resenha a respeito de um livro antigo em reedição, bastante ofensivo e desagradável, indicando que o livro tratava da história dos Mórmons. O Presidente Merrill disse-me: "Quero que vá ao editor e proteste contra isto." Olhei para ele disposto a dizer: "Não, isso não é para mim"; mas, humildemente, disse: "Sim, senhor".

Não escondo que fiquei com medo. Fui para minha sala e senti algo que Moisés deve ter sentido quando o Senhor lhe pediu que fosse ver o Faraó. Fiz uma oração. Ao caminhar para a estação de Goodge Street, a fim de pegar o metrô para Fleet Street, sentia um vazio no estômago. Cheguei ao escritório do diretor e apresentei meu cartão à recepcionista. Ela pegou-o, entrou na sala do diretor e logo retornou dizendo que ele estava muito ocupado para atender-me. Respondi dizendo que viajara mais de 8.000 quilômetros e que esperaria. Durante uma hora ela foi duas ou três vezes à sala do diretor. Depois, finalmente, disse que eu podia entrar. Nunca esquecerei a cena quando

entrei. O homem fumava um longo charuto e tinha um olhar de "Não me importune".

Eu tinha nas mãos as resenhas e não me lembro do que disse. Algum outro poder parecia estar falando por mim. No início, ele ficou na defensiva e foi até hostil. Então, começou a amolecer. No final, prometeu fazer algo. No decorrer de uma hora, todas as livrarias da Inglaterra já haviam recebido a ordem de devolverem os livros para o editor. Com grandes despesas, ele imprimiu na capa de cada volume uma declaração de que o livro não deveria ser considerado como história, mas sim ficção, e que seu conteúdo não tinha qualquer intenção de ofender o respeitado povo mórmon. Anos mais tarde, esse senhor prestou um valiosíssimo favor à Igreja, e todos os anos, até o dia de seu falecimento, recebi dele um cartão de Natal.

Apreendi que quando com fé tentamos ser obedientes às exigências do sacerdócio, o Senhor abre um caminho, mesmo quando parece não haver caminho.

Presto-lhes testemunho de que a felicidade dos santos dos últimos dias, a paz dos santos dos últimos dias, o progresso dos santos dos últimos dias, a prosperidade dos santos dos últimos dias e a salvação eterna e exaltação deste povo está na obediência aos conselhos do sacerdócio de Deus. Cantamos "Graças damos,

ó Deus, por um profeta que nos guia no tempo atual" (*Hinos*, 1991, nº 9). Que sempre o sigamos.

Se tentarmos com fé, oração e determinação, poderemos realizar um grande bem, particularmente por nossa própria alma.

Que estejamos dispostos e sejamos obedientes. Que comamos do bem desta terra. Confiemos no Pai Celestial e sigamos em frente com o coração animado e humilde, para sermos dignos de Suas bênçãos. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Se obedecermos aos mandamentos de Deus, Ele abrirá o caminho para nós.
2. Nem sempre é fácil ser obediente ao Senhor.
3. Às vezes, a designação que evitamos é aquela que nos dará uma grande bênção.
4. Nossa felicidade, paz, progresso, posteridade e exaltação está na obediência aos conselhos do sacerdócio de Deus.

Quando o orgulhoso Naamã finalmente obedeceu ao profeta Eliseu e mergulhou no Rio Jordão, sua carne ferida pela lepra tornou-se "como a carne de um menino, e ficou purificado". (II Reis 5:14)



JOSEPH SMITH — VERDADEIRAMENTE UM PROFETA

Presidente Gordon B. Hinckley

Certo dia, um conhecido disse-me: “Admiro muito sua igreja. Acho que poderia aceitar tudo que diz respeito a ela, exceto Joseph Smith”. Respondi: “Essa afirmação é contraditória. Se aceita a revelação, deve aceitar o revelador”.

É um mistério para mim o modo como certas pessoas falam com admiração do trabalho da Igreja enquanto, ao mesmo tempo, desdenham aquele por meio de quem foi revelada a estrutura de tudo o que a Igreja é, ensina e defende. Eles colheriam o fruto da árvore ao mesmo tempo que cortariam sua raiz.

Cento e cinquenta e um anos se passaram desde o martírio de Joseph Smith e a história presta testemunho da influência desse notável profeta dos últimos dias.

O assim chamado código de saúde mórmon, amplamente louvado nestes dias de pesquisas sobre câncer e doenças cardíacas, é, na verdade, uma revelação do Senhor dada a Joseph Smith em 1833, denominada “Palavra de Sabedoria” (D&C 89:1). De forma alguma essa revelação poderia ter saído da literatura dietética da época ou da mente do homem que a anunciou. Hoje, em termos de pesquisa médica, ela é um milagre cuja prática tem evitado incalculáveis sofrimentos e a morte prematura de dezenas de milhares de pessoas.

A pesquisa genealógica é, atualmente, um passatempo muito difundido. Pessoas do mundo inteiro visitam o que tem sido descrito como a casa do tesouro Mórmon, que guarda dados de história da família. Esse extraordinário programa da Igreja, entretanto, não é fruto de um

passatempo; é uma extensão dos ensinamentos de Joseph Smith, o profeta dos últimos dias. Ele declarou que não podemos ser salvos sem nossos antepassados, aqueles que não tinham conhecimento do evangelho e não puderam cumprir seus requisitos nem usufruir suas oportunidades.

A notável organização da Igreja, que tem recebido muita atenção, foi estruturada por Joseph Smith de acordo com as orientações que recebeu por revelação. Nessa organização, nenhuma mudança ou adaptação é cogitada sem que se examinem as revelações transmitidas pelo Profeta.

O programa de bem-estar, que alguns tendem a citar como sendo de origem recente, baseia-se estritamente em princípios enunciados por Joseph Smith nos primórdios da Igreja. O mesmo acontece com o programa de noite familiar, que nada mais é que uma extensão da primeira revelação a respeito da responsabilidade dos pais de criarem seus filhos em “luz e verdade” (D&C 93:40).

Há não muito tempo, numa viagem de avião, conversei com um jovem sentado ao meu lado. Passamos por vários assuntos e chegamos à religião. Contou-me que lera bastante a respeito dos mórmons, que encontrara muita coisa admirável, mas que tinha um preconceito definido com relação à origem da Igreja e, particularmente, a Joseph Smith.

Ele era membro ativo de outra religião e quando lhe perguntei onde conseguira os dados sobre a igreja SUD, disse-me que vinham de publicações de sua igreja. Perguntei-lhe para que empresa trabalhava. Com





ILUSTRADO POR DALE KIBOURN

orgulho, respondeu que era um representante de vendas da IBM. Perguntei-lhe, então, se achava justo que seus clientes fossem instruídos a respeito da qualidade dos produtos IBM por um representante da XEROX. Com um sorriso, ele respondeu: "Acho que entendi".

Peguei em minha pasta um exemplar de Doutrina e Convênios e li para ele as palavras do Senhor expressas por meio de Joseph Smith, palavras que são a fonte daquelas práticas que meu amigo viera a admirar enquanto menosprezava o homem por meio de quem haviam sido reveladas. Antes de nos separarmos, concordou em ler os livros que eu lhe mandaria. Prometi-lhe que, se fizesse isso em espírito de oração, conheceria a verdade não só a respeito daquelas doutrinas e práticas pelas quais se interessara, mas também a respeito do homem por meio de quem elas foram apresentadas. Prestei-lhe, então, testemunho concernente ao chamado profético de Joseph Smith.

Não adoramos o Profeta. Adoramos a Deus, nosso Pai Eterno e ao Senhor ressuscitado, Jesus Cristo. Reverenciamos, porém, Joseph Smith como instrumento nas mãos do Todo-Poderoso, como restaurador das antigas verdades do evangelho divino e do sacerdócio na Terra, por meio do qual a autoridade de Deus é exercida.

A história da vida de Joseph é a história de um milagre. Ele nasceu pobre, criou-se em meio a adversidade, foi expulso de vários lugares, acusado falsamente, ilegalmente posto na prisão e assassinado quando tinha 38 anos de idade.

Apesar de tudo, no curto espaço de 20 anos, realizou mais do que qualquer pessoa já realizou em uma vida inteira. Traduziu e publicou o Livro de Mórmon, um volume de 531 páginas que já foi, desde aquela época, retraduzido para 38 línguas e teve partes traduzidas para outras 48, e que é aceito por milhões de pessoas em todo o mundo como sendo a palavra de Deus. As revelações que recebeu e outros escritos que produziu são, da mesma forma, escrituras. O número total de páginas desses livros constituem o equivalente a quase o Velho Testamento inteiro; e tudo isso se fez por meio de um único homem, no espaço de poucos anos.

Nesse mesmo período, fundou uma organização que por mais de um século e meio tem resistido a todos os infortúnios e desafios e que hoje é tão eficaz no governo de nove milhões de membros como o era 160 anos atrás no governo de três mil. Existem céticos que se esforçam para justificar essa notável organização como produto dos tempos em que Joseph Smith viveu. Aquela organização, eu alego, era tão única e notável naquela época quanto o é hoje. Não foi um produto dos tempos; surgiu como revelação de Deus.

A visão de Joseph Smith da natureza imortal do homem abrangeu desde uma existência anterior ao nascimento até as eternidades além da sepultura. Ele ensinou que todos os homens se tornarão beneficiários da Ressurreição por meio do sacrifício expiatório do Salvador. Além desse dom, contudo, está o requisito de obediência aos princípios do evangelho e a promessa de

uma conseqüente felicidade nesta vida e exaltação na vida vindoura.

Tampouco o evangelho que ele pregou teve aplicação restrita aos da sua geração e das gerações futuras. O intelecto de Joseph Smith, instruído pelo Deus do céu, abrangeu toda a humanidade de todas as gerações. Nos vinte anos anteriores a sua morte, Joseph pôs em andamento um programa para levar o evangelho às nações da Terra. Assombro-me diante da audácia com que ele agia. Mesmo nos primeiros dias da Igreja, em tempos de dura adversidade, chamavam-se homens para deixar lar e família, cruzar o oceano e proclamar a restauração do evangelho. Sua visão abrangeu toda a Terra.

Venham à Praça do Templo durante as conferências gerais da Igreja e verão pessoas das Américas do Norte, Central e do Sul; da Ilhas Britânicas e da África; da Europa; do Pacífico e das antigas terras da Ásia. Eles vêm de perto e de longe. São o cumprimento da visão de Joseph Smith, o profeta de Deus. Ele viu estes dias e dias futuros, que serão maiores por causa da difusão da obra do Senhor na Terra.

Este florescimento hoje surpreenderia aqueles homens que, com os rostos pintados, covardemente atacaram e mataram o profeta naquele dia abafado de junho de 1844. Surpreenderia também o governador Thomas Ford, que havia garantido proteção ao Profeta mas que o deixou à mercê da turba. Esse mesmo Thomas Ford concluiu, em sua história, que Joseph Smith “jamais poderia ter êxito no estabelecimento de um sistema de normas que tivesse sucesso permanente no futuro”. [Thomas Ford, *A History of Illinois . . .* (Uma História de Illinois . . .), citado por B. H. Roberts em *Comprehensive History of the Church* (História Resumida da Igreja), 2:347.] Thomas Ford hoje jaz em Peoria, Illinois, quase

totalmente esquecido, enquanto o homem que ele considerou um fracasso é lembrado em toda a Terra.

Quando eu tinha 12 anos de idade, meu pai levou-me a uma reunião do sacerdócio da estaca em que vivíamos. Sentei-me na última fila e ele, como presidente da estaca, sentou-se na tribuna. Na abertura da reunião, a primeira daquele gênero que presenciei, trezentos ou quatrocentos homens levantaram-se. Vinham de ambientes diversos e tinham diferentes vocações, mas todos traziam no peito a mesma convicção com que juntos cantaram estas grandes palavras:

*Hoje ao profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus
Para trazer a verdade aos homens
Para aos povos trazer nova luz!
É grande a glória do seu nome eterno
Todas as chaves do reino terá.
E na mansão celestial para sempre,
Entre profetas nomeado será!
(Hinos, 1991, nº 14)*

Algo aconteceu comigo ao ouvir o canto daqueles homens. Nasceu no coração o conhecimento, posto ali pelo Espírito, de que Joseph Smith era realmente um profeta de Deus. Nos muitos anos que se passaram desde aquela época, anos em que li muitas de suas palavras e obras, essa certeza cresceu e fortaleceu-se.

*É grande a glória do seu nome eterno
Todas as chaves do reino terá.
E na mansão celestial para sempre,
Entre profetas nomeado será!
(Hinos, 1991, nº 14) □*

M U R O S D E

Richard M. Romney

FOTOGRAFIA DO AUTOR



Muros, cercas, barreiras. Infelizmente, muitos de nós parecemos construí-los de uma forma ou de outra. Com medo de nos machucarmos, levantamos barras de ferro para nos proteger. Com medo de que as pessoas riam de nós, construímos uma barricada que ninguém consiga transpor. O pior, talvez, seja o muro da intolerância, feito com os tijolos da ignorância assentados com a argamassa do medo. A compreensão surge somente quando essas barreiras são demolidas. Amor e paz apa-

Em contraste com a terra de ninguém que separa as partes divergentes de Belfast, acima à esquerda, Debbie Sloan (centro) desfruta calorosa amizade entre seus colegas de classe católicos e protestantes na Faculdade Integrada Hazelwood.



R R U B A D O S

recem somente quando, tijolo por tijolo, esses muros são derrubados.

Os jovens santos dos últimos dias da Estaca Belfast Irlanda do Norte sabem muito sobre muros. Num país abalado durante séculos por tumultos e terrorismo, eles estão na posição delicada de *não* pertencerem a *qualquer* das partes do conflito religioso e político entre católicos

e protestantes. Contudo, enfrentam as barreiras, do mesmo jeito. Vejam o que dizem três moças da Ala Cavehill:

Sharon Goodall conta algo que comumente acontece: "Meus colegas de escola sempre querem saber se sou católica ou protestante. Digo-lhes que sou mórmon. 'Tudo bem', dizem eles, 'mórmon católica ou mórmon





À esquerda, Élder Tomkinson e Élder Broadway com Sandra e Claire Hoey e seus irmãos menores, da Ala Portadown. À direita, a cidade de Belfast. Na página oposta, Debra Boyd conhece a alegria de trazer a família de uma amiga para a Igreja.

protestante?’ Para quem está de fora, parece piada. Tentamos fazer amizade com todos, mas há constante pressão para que se escolha um lado”.

Debra Boyd explica que muitas pessoas fora da Irlanda do Norte não sabem verdadeiramente como é viver aqui. “É raro vermos algo como a explosão de uma bomba. Vivo aqui desde que nasci e até agora não vi qualquer explosão. A vida é normal, apesar de termos controle de segurança nos ônibus públicos e, às vezes, um engarrafamento no trânsito por causa de algum incidente. Mas isso é mais uma inconveniência do que uma ameaça à vida”.

Junto com outros seis santos dos últimos dias, Debra frequenta, em Belfast, a Faculdade Integrada Hazelwood, uma escola onde o corpo estudantil é aproximadamente 50% católico e 50% protestante. Ela conta: “Sou relativamente nova na escola e no início os outros estudantes diziam: ‘Oh, ela é um daqueles mórmons loucos’, e caçoavam de mim. Agora, porém, querem saber por que não tomo chá nem café. Parecem interessados nisso”.

Debbie Sloan, que vai à mesma escola, é popular entre seus colegas de classe. “A meta de uma escola integrada é ajudar os alunos a viver bem uns com os outros apesar das diferenças”, explica ela. “Eles sabem que sou mórmon. Meus amigos mais próximos sabem que meu pai é bispo e que passamos longos períodos em nossa igreja. Falo a respeito dela do jeito que é e eles

aceitam-me do jeito que sou”.

Claire e Sandra Hoey, de Craigavon são membros da Ala Portadown. Elas falam a respeito dos muros que a família derrubou com a ajuda dos missionários.

“Fazia tempo que os missionários visitavam nossos pais”, diz Sandra, “mas eu nunca lhes dava muita atenção. Então, uma noite, estava no andar de cima da casa e comecei a ouvir. Fiquei interessada no que eles estavam dizendo. Decidi que era hora de saber de que se tratava.”

As palestras tornaram-se cada vez mais sérias. Os pais foram batizados. Um irmão mais velho também. Depois Sandra, depois Claire.

Após os batismos, uma amiga “percebeu que desde que me filiar a Igreja, eu era mais feliz”, conta Claire. “Ela quis descobrir o que estava acontecendo comigo”. Agora sua amiga está recebendo as palestras na casa da família Hoey. “Lembro-me de quando fazia as mesmas perguntas e orava para resolver as mesmas dúvidas”, diz Claire. “É uma ajuda quando posso dizer-lhe que passei pelas mesmas coisas e obtive meu próprio testemunho”.

Na Ala Lisburn, Rachael Edwards, Karen Edwards e David Schmidt dizem que envolver-se totalmente com o seminário também ajuda a derrubar barreiras.

“Antes de eu começar o seminário e poder explicar a meus amigos qual era minha religião, faziam-me muitas perguntas que eu não conseguia responder direito”, diz

Rachael. "Agora, cursando o seminário, sinto-me mais confiante sempre que converso com as pessoas sobre a Igreja."

"Há 13 alunos em nossa classe do seminário", conta Karen. "É a maior classe da Irlanda. Fazemos seminário do lar e depois nos reunimos com nossa professora, irmã Susanna Thompson, às terças-feiras à noite. Na escola, todos têm aula do que chamamos E.R. (educação religiosa). As aulas de E.R. ajudam-me no seminário e o seminário ajuda-me a ter um ponto de vista diferente, mais profundo, do que o que recebemos na escola. Assim, eles se equilibram."

"Há muitos vídeos e literatura anti-mórmon circulando nas outras igrejas", diz Karen. "É difícil, porque eles obtêm informações muito distorcidas, o que exige que comecem pelas coisas básicas."

"Muitos amigos meus pensavam que não líamos a Bíblia", diz Rachael. "Por isso, fiquei muito feliz quando pude mostrar-lhes minhas escrituras do seminário. Eles pensam que só a igreja deles estuda a Bíblia. Ficam surpresos quando descobrem que nós mórmons também nos organizamos em classes de estudo."

"Mudamos o ponto de vista das pessoas", diz David. "Uma vez, meu professor me disse: 'Então, você é

mórmon. Isso significa que não é totalmente cristão . . . ? E eu lhe respondi: 'Bem, na verdade sou'. Conversamos sobre o assunto e esclarecemos tudo."

David também conta que convida amigos e







À esquerda: Jovens da ala Cavehill (a partir da esquerda): David Lowry, Sharon Goodall, Debra Boyd, Michael Sloan, Nichola Henry e Debbie Sloan. Acima, à esquerda: A aluna do seminário da Ala Lisburn, Karen Edwards, com sua professora, Irmã Thompson. Acima, à direita: Os jovens da Ala Holywood Road apresentam uma peça sobre o plano de salvação para ajudar seus amigos não membros a entenderem os princípios do evangelho.

familiares para as reuniões. “No ano passado, quando minha família foi batizada, minha mãe convidou nossa avó e nossas tias para irem à igreja. Elas aceitaram o convite e disseram que gostaram muito. Acharam interessante não termos apenas clero, mas todo tipo de pessoa prestando testemunho. E meus amigos gostam de nossa igreja”.

Rachael, Karen e David contam história após história—o professor que pediu a planta de uma capela SUD para comparar com as de outras igrejas, e os exames em que os mórmons tiveram que explicar que são batizados *dentro* de uma pia, o que, em outras igrejas, é uma pequena bacia contendo água para borrifar-se.

Mas é Karen quem resume toda a história. “Há muita oposição aqui”, diz ela. “Mas, se os tornarmos conscientes da existência da Igreja, talvez no final a entendam, e isso só poderá fazer bem”.

Conversem com os jovens santos dos últimos dias da Irlanda do Norte por tempo suficiente e descobrirão que eles estão fazendo o que Karen disse.

Sara Magee, de Portadown, fala sobre padrões: “Quando alguém me oferece um cigarro ou bebida, a maioria de meus amigos diz: ‘Não, Sara, você não pode’”. Karen Weir, de Portadown, diz como a reabertura do Templo de Londres e a construção do Templo de Preston instigou a curiosidade de muitas pessoas a respeito da Igreja. Simon Noble, da Ala de Holywood Road, conta

sobre uma peça teatral da estaca que foi também uma obra missionária: “Foi uma peça sobre o plano de salvação e convidamos amigos não-mórmons para que vissem em que acreditamos”, diz Simon.

Debra Boyd, da Ala Cavehill, entra de novo na conversa para falar de seu bispo, Ronald Sloan, e como ele a tem ajudado a ver que um bispo pode ser um grande aliado quando se quer viver uma vida digna. Debra conta da alegria que sentiu quando viu a amiga Leigh-Ann Kelly ser batizada junto com toda a família. “Choramos muito”, conta Debra. “Aquela escritura que fala sobre trazer uma alma para o céu . . . conhece? É verdadeira mesmo!” (Ver D&C 18:15–16.)

Pelo centro de Belfast passa uma grossa cicatriz, uma terra de ninguém tão feia quanto uma zona de guerra. As barras de ferro vermelhas, os tijolos, o arame farpado e as barricadas amarelas marcam a linha divisória entre duas partes da cidade. Para muitos, é o símbolo de uma situação sem esperança; suas barreiras, um monumento de desconfiança e incompreensão.

Os jovens santos dos últimos dias, porém, não vêm essa situação com desespero. Eles esperam o dia em que o Salvador virá, quando todo joelho dobrará e toda língua confessará que Ele é o Senhor, a quem pertence o direito de reinar. Nesse dia, se não antes, todas as barreiras serão derrubadas e, quando isso acontecer, serão substituídas por esperança, amor, paz e compreensão. □

O Pai e a Família

Susan Zimmerman

Em nossa família, o pai trabalha bastante. Além do trabalho do dia a dia, ele devota muitas horas a seu chamado na Igreja, faz consertos na casa e no carro, troca fraldas e está sempre envolvido com muitas outras atividades. Mas será que ele tem tempo para *divertir-se*?

Quando volta para casa, as crianças logo gritam: "Papai chegou! Papai chegou!" Ele entra, abraça os filhos e dá um beijo na esposa, mas freqüentemente senta-se em uma poltrona, cansado demais para levantar-se novamente. Ao percebermos que o horário apertado de nosso pai lhe dava cada vez menos tempo e energia para atividades com a família, pensamos em maneiras para contornar o problema. As seguintes sugestões ajudam nossa família a permanecer próxima dele. Algumas das idéias também se aplicam a famílias com só um dos pais.

Passa algum tempo com cada um dos filhos. Em nosso lar, é sempre mais fácil prometer-se fazer algo mais tarde do que imediatamente. Em lugar de fazer a promessa de uma atividade, e depois não cumpri-la, papai separa algum tempo na semana para cada um dos filhos. Desse modo, mesmo que uma atividade tenha que ser alterada posteriormente, nosso pai passa o tempo prometido com o filho. Por exemplo: caso ele receba um pedido do quórum de élderes para ajudar com a mudança de uma família na ala, ele simplesmente leva o filho junto. Pode não ser uma atividade específica para crianças, mas ainda assim é divertido. Talvez eles parem no caminho para comer e beber alguma coisa e quando for a hora de descansar, vão a uma praça e distraem-se um pouco. Quer seja para trabalhar ou brincar, estar com nosso pai já é, em si, muito bom.

Diminua o tempo gasto diante da televisão. Descobrimos que ver televisão, apesar de divertido, não constitui entretenimento de muito boa qualidade para a família. Decidimos não ver televisão no período compreendido entre o momento em que nosso pai chega em casa até a

hora em que as crianças vão dormir. Depois de nos acostumarmos a não ligar a televisão, surpreendemo-nos com a qualidade de nosso relacionamento familiar. Passamos a nos comunicar melhor e a nos sentir mais próximos uns dos outros.

Planeje atividades inesperadas. Se nosso pai está cansado quando chega em casa e joga-se na poltrona não se levantando mais até a hora do jantar, sabemos que está na hora de planejarmos uma atividade surpresa. Adoramos raptá-lo assim que sai do trabalho ou que chega na porta de casa e levá-lo para um passeio em família. Nossa atividade é algo simples, como por exemplo, ir a um parque ou jantar ao ar livre. Às vezes fazemos alguns sanduíches,





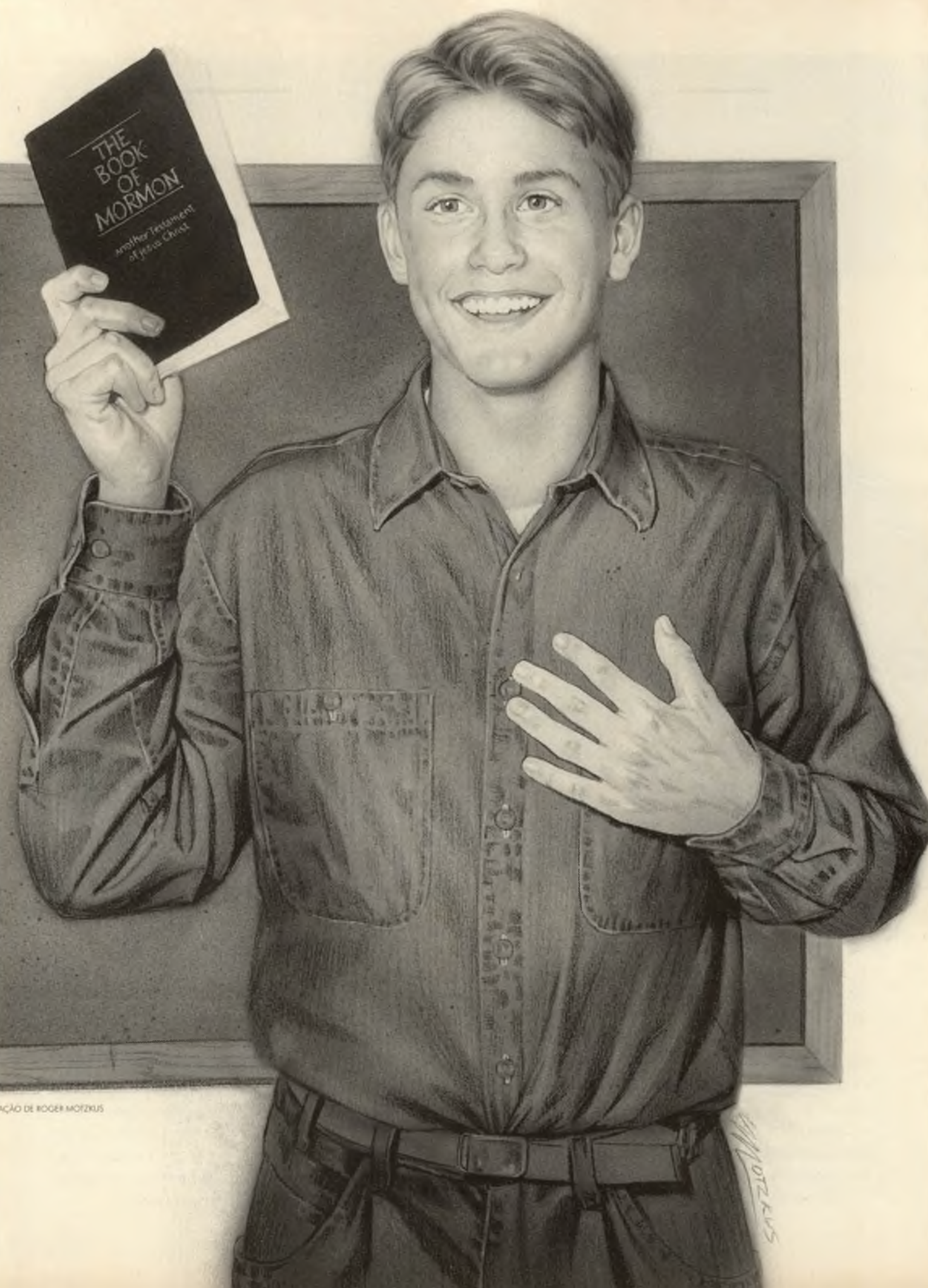
FOTOGRAFIA DE WEIDEN ANDERSEN

compramos uns pacotes de batatas fritas, raptamos nosso pai e vamos até um local próximo que nos agrada. Apesar de não serem sofisticadas, nossas atividades são sempre divertidas e espontâneas — e ele adora ser o centro das atenções em nossos raptos.

Tire algum tempo durante o dia. Alguns pais talvez trabalhem no período noturno e tenham compromissos que tornem difícil estar com a família durante a noite. Nesse caso, o pai pode passar algum tempo com os filhos durante o dia. Depois de combinar com a escola dos filhos, o pai apanha um dos filhos na hora do recreio para fazer um lanche com ele. Num dia em que seja feriado escolar, um dos filhos passa algumas horas com o pai no

trabalho de modo que, quando o pai precisar descansar ou ficar sozinho em casa durante algum tempo, os filhos compreendam melhor por que as pessoas ficam cansadas ao trabalharem o dia inteiro.

A despeito do que o pai faça no trabalho, na Igreja ou em seus momentos de lazer, ser pai é uma ocupação de tempo integral. Planejando, com criatividade, maneiras pelas quais a família despenda algum tempo junta e também porque com pai planejando passar algumas horas com os familiares individualmente, passamos a nos conhecer melhor. E aprendemos melhor a amar e ser gratos uns pelos outros devido a termos que, frequentemente, fazer algum sacrifício para estar juntos. □



QUEM SOU EU?

Derek Tucker

“Na próxima quarta-feira, tragam alguma coisa para a aula que represente quem são vocês”, disse a professora. Era a primeira tarefa da aula de inglês de meu segundo ano da escola secundária. “E se eu não souber quem eu sou?” pensei eu.

Acabara de mudar-me para Seattle, no Estado de Washington e era a primeira semana de aulas numa escola nova para mim. Nem os professores nem os colegas me conheciam. Era uma excelente oportunidade para me redefinir—tanto para mim mesmo como para os outros.

Quando as pessoas descobriam que eu me mudara de Utah, freqüentemente perguntavam se eu era mórmon. Respondia de maneira diferente a cada vez: “Não sei.” “Fui batizado, mas não vou à Igreja.” “Não, mas deveria ser.”

Por alguma razão, sentia uma responsabilidade para com Deus por ser um santo dos últimos dias. Isso não fazia muito sentido pois eu não acreditava muito em Deus. Ainda assim, dentro de meu coração, havia o desejo de viver de modo significativo. Queria causar impacto e saber que minha vida não era em vão.

Minha irmã mais velha, Lark, era a única da família ativa na Igreja. Ela e Tim, seu marido, haviam-me convidado para ir às reuniões em sua ala, que ficava bem próxima. Era algo que ela desejava que eu fizesse, e eu, de algum modo, sabia que deveria fazer. Foi assim que decidi ir.

Minha vida oscilava e a necessidade de resolver quem eu era pairava sobre mim, enquanto tentava decidir qual objeto verdadeiramente me representava para que eu o levasse para a aula.

Desnecessário dizer, na segunda-feira eu ainda não havia tomado qualquer decisão a respeito do objeto. Nem havia decidido coisa alguma na terça-feira à noite quando minha irmã me levou à reunião da Mutual em sua ala. A caminho da capela, ela deu algumas sugestões, mas nenhuma me agradou.

As atividades da Mutual para aquela noite haviam sido mantidas em segredo, de modo que eu estava curioso ao entrar no salão cultural. Numa primeira olhada, parecia haver mesas postas para o jantar. Ao olhar mais atentamente, percebi que não havia comida sobre as mesas. Ao invés de pratos de comida, havia exemplares do Livro de Mórmon. Ao invés de talheres, havia canetas. Ao invés de guardanapos, havia folhas de papel. Ao sentar-me, minha atenção estava concentrada na charada que havia sido colocada diante de mim.

Dois missionários eram os oradores principais. Ambos prestaram testemunho de como haviam aprendido que o Livro de Mórmon era, realmente, a palavra de Deus.

Ao assistirmos a um vídeo que narrava a visita de Cristo ressuscitado aos nefitas e lamanitas justos, um sentimento inacreditável apoderou-se de mim. O modo em que Néfi fala sobre aquela situação é uma descrição adequada de como me senti: “(. . .) não era uma voz áspera nem forte; entretanto, apesar de ser uma voz mansa, penetrava-lhes até o âmago, de modo que não havia parte de seu corpo que não tremesse; sim, penetrou-lhes na própria alma e fez-lhes arder o coração”. (3 Néfi 11:3) Um testemunho da veracidade do Livro de Mórmon penetrou em minha alma naquela noite, marcando-me para a eternidade.

A caminho de casa com Lark e Tim, comecei a pensar nos deveres escolares para o dia seguinte. Primeira aula, álgebra, o dever estava feito. Segunda aula (. . .) Sexta aula, inglês. Foi aí que me lembrei (. . .). Que objeto me representaria melhor?

Numa voz mansa e suave, o Espírito sussurrou: “O Livro de Mórmon”. Imediatamente percebi que não eram os ouvidos físicos que ouviam. Foi esta a primeira vez em que senti o Espírito de modo tão claro e preciso.

“Ótimo!” disse eu em voz alta com entusiasmo.

“O que foi?” disse Lark enquanto olhava por cima dos ombros.

Com reverente admiração, expliquei-lhe: “Acho que vou levar o Livro de Mórmon para minha aula de inglês como sendo o objeto que me representa.”

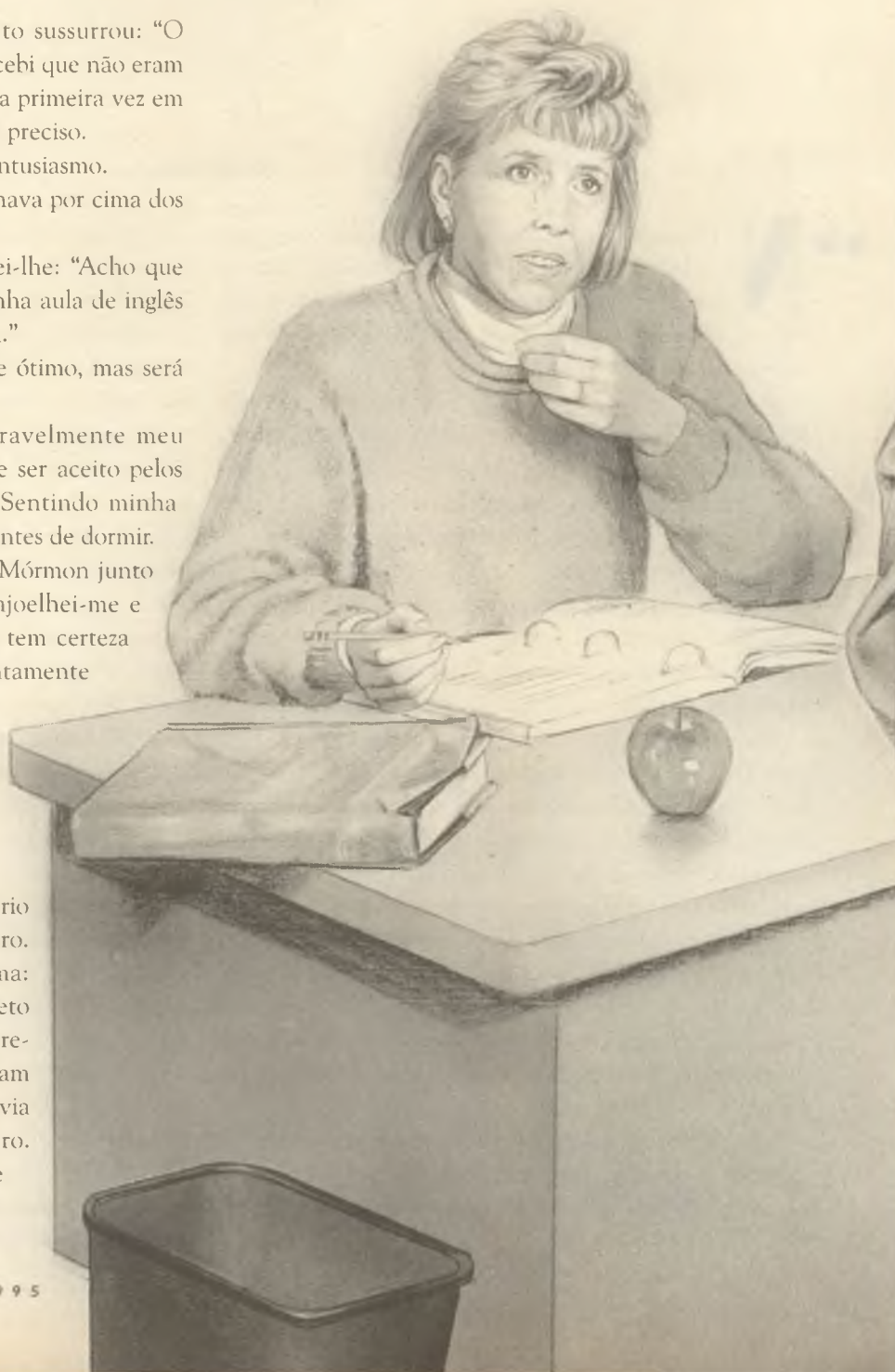
Ela sorriu alegre e disse: “Parece-me ótimo, mas será muito difícil.”

Essa conclusão diminuiu consideravelmente meu entusiasmo. Estaria eu abrindo mão de ser aceito pelos colegas e de fazer amigos na escola? Sentindo minha hesitação, Lark sugeriu-me que orasse antes de dormir.

Naquela noite, coloquei o Livro de Mórmon junto com meu material escolar. A seguir, ajoelhei-me e orei: “Querido Pai Celestial, o Senhor tem certeza de que é isso que devo fazer?” Imediatamente senti a resposta positiva, acompanhada pela confirmação do Espírito. A seguir, pedi: “Será que o Senhor pode me ajudar?” Outra sensação forte acalmou-me os nervos. Tranqüilo, fui dormir.

À medida que se aproximava o horário da aula de inglês, eu ficava mais inseguro. A professora deu as instruções à turma: Deveríamos dizer nosso nome, qual objeto havíamos trazido e por que ele nos representava. Os primeiros dois requisitos eram fáceis, mas por alguma razão, eu não havia pensado o que dizer quanto ao terceiro. Eu sabia qual era o objeto que me representava, mas não sabia o porquê.

Ao voltar para meu lugar, vi lágrimas escorrendo pelo rosto da professora. Ela sussurrou emocionada: “Foi um testemunho bastante forte”.





Quando a professora pediu voluntários, uma aluna que se sentava na primeira fila levantou-se e falou a respeito de seu objeto. A seguir, a outra aluna que estava a seu lado, levantou-se e falou. Foi assim que se desenvolveu uma seqüência de voluntários. Eu seria o último a falar.

Quando chegou minha vez, levantei-me e caminhei vagarosamente para a frente da sala. Eu não havia preparado um discurso escrito e nem mesmo pensara no que iria falar. Comecei dizendo: "Meu nome é Derek Tucker e esse é o objeto que me representa. É o Livro de Mórmon."

Daquele momento em diante, e até o final, senti o Espírito inspirando as palavras. Até o dia de hoje, não sei bem o que disse.

Ao terminar, preparei-me para muitas perguntas hostis. Para minha surpresa e gratidão, um silêncio abateu-se sobre a turma. O que mais me surpreendeu, entretanto, foram as expressões nos rostos dos alunos. Mais ou menos um terço dos alunos tinham lágrimas nos olhos. Outros demonstravam impassividade. E os demais pareciam nervosos e desviavam o olhar. Apesar de nem todos sentirem-se à vontade com o assunto, parecia existir uma atmosfera de respeito.

Ao voltar para meu lugar, vi lágrimas escorrendo pelo rosto da professora. Ela sussurrou emocionada: "Foi um testemunho bastante forte". Fiquei surpreso; o tempo parecia ter parado enquanto a frase penetrava em meu coração. Agradei-lhe e retornei a minha carteira.

Colocara minha confiança no Senhor e Ele me ajudara. Sabia agora quem eu era—um filho precioso do Pai Celestial. E sabia que ao servi-Lo, minha vida teria significado e valor. □

A Professora do Grão de Mostarda

Janet Schiller

J á se haviam passado doze anos desde que deixara minha amada Califórnia e minha ala para casar-me novamente. Com a ajuda do Senhor, eu havia lentamente traçado e atingido novos objetivos. Desejava, porém, visitar amigos queridos que partilharam comigo as alegrias e os desafios de viver em uma área onde os membros da Igreja são minoria.

“Algumas vezes não é bom voltar ao passado”, disseram alguns em minha família. No entanto, fiz a viagem. Fiquei maravilhada ao ver que, em minha antiga casa, as sementinhas plantadas anos atrás eram agora frondosas árvores que projetavam sombra sobre o terreno e a casa. Emocionada, deixei o local e segui pela rua. Antigas características do local

pareciam-me ligeiramente familiares. O que fazia eu lá?

Vi então a agulha da capela, e dirigi-me ao meu local favorito no estacionamento. Ainda sem saber bem o que procurava, comecei a sentir mais tranquilidade ao caminhar pelos jardins da capela. Ao contornar uma cerca viva, dei com um rapaz que, abaixado, arrancava ervas daninhas. Ele se pôs de pé rapidamente e notei que seu cabelo acabara de ser cortado ao estilo missionário.

Quando pedi desculpas, ele me olhou de um modo estranho e disse: “Você não é a professora do grão de mostarda?”

Olhei para ele surpresa.

“Acho que é sim!” disse ele. “Você foi minha primeira professora na Primária. Adorava sua aula porque sempre havia dicas sobre a lição coladas na porta. A fotografia do vidro de mostarda era minha predileta. Lembro-me de ter levado para casa meu saquinho de grãos de mostarda depois de uma aula sobre a parábola. Depois disso, sempre me lembrei de você como a professora do grão de mostarda.”

Voltou-me a lembrança de uma mulher recém-batizada trazendo seu filho Chandler, de sete anos, para minha classe CTR na Primária. Aqui estava o mesmo menino, agora um rapaz.

“Suas lições fizeram-me ter a vontade de ser um bom santo dos últimos dias”, disse ele.

Fiquei emocionada ao saber que Chandler havia acabado de mandar seus papéis e aguardava seu chamado missionário. À medida que Chandler falava, percebi que seu testemunho era outra árvore que eu plantara e nutrira. Enquanto menino, o testemunho era ainda um embrião, talvez “menor que todas as sementes que há na terra”. (Marcos 4:31) Agora, a força de seu testemunho fizera dele uma árvore frondosa na vinha do Senhor.

Em silêncio, agradei ao Senhor, prometendo continuar a plantar sementes de fé e ter confiança em seu potencial e sua força. □



“Mais grata Oração”

“E oraram por aquilo que mais desejavam” (3 Néfi 19:9).

Em Seu ministério terreno, o Salvador ensinou, tanto por meio de palavras como pelo exemplo, a importância da oração. Ele orou para receber orientação e força para Si próprio e para outrem. Orou pelas criancinhas (ver Mateus 19:13–15), por Pedro, para que sua fé não esmorecesse (ver Lucas 22:31–32), por Seus discípulos (ver João 17:9), por todos que Nele cressem (ver João 17:20) e até mesmo pelos que viriam a crucificá-lo (ver Lucas 23:34). Orou prolongadamente antes que Seus apóstolos principais recebessem as chaves do sacerdócio (ver Lucas 9:28–36). No Getsêmani, “posto em agonia, orava mais intensamente” (Lucas 22:44).

ORAR COM REAL INTENÇÃO

A oração não é um ritual indifferente, mas constitui comunicação direta com o Pai Celestial e ocorre quando, em humildade, nos aproximamos Dele com “um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo”. Essa comunicação é de tal importância que as mensagens que o Pai deseja que recebamos são normalmente transmitidas pelo terceiro membro da Trindade — o Espírito Santo. (Ver Morôni 10:4–5.)

Nossas mais sinceras orações frequentemente ocorrem nos momentos mais difíceis da vida. Porém, todas as nossas orações devem ser específicas e ter um propósito. É-nos aconselhado clamar ao Senhor por misericórdia, clamar por nossos familiares, e clamar contra o poder de nossos inimigos. É-nos ensinado que

devemos orar continuamente por nosso próprio bem-estar assim como pelo bem-estar de todos os que nos rodeiam (ver Alma 34:18–27). Em nossas orações, devemos também manifestar gratidão e reconhecimento pelas bênçãos que o Pai Celestial nos concede.

Mesmo a oração mais simples pode ser específica. Agradecemos a nosso Pai Celestial as bênçãos específicas de cada dia. Podemos buscar ajuda no que diz respeito a cada um de nossos filhos. Podemos também orar pedindo auxílio para desempenharmos nossos cargos na Igreja e força para sobrepujar as fraquezas e os pecados. Na Estaca de Kitchner, localizada na Província de Ontário, no Canadá, algumas professoras visitantes lembram-se, pelo nome, de cada uma das irmãs que visitam ao fazerem suas orações pessoais diariamente. Uma delas conta: “Notei algumas mudanças maravilhosas em

meus sentimentos pelas irmãs que visito. Ao orar, meus pensamentos e meu coração abrem-se ao Espírito e sinto-me inspirada no tocante a suas necessidades.”

ORAR COM FÉ

A oração é um ato de fé por meio do qual fazemos uma solicitação ao Pai Celestial a respeito do que necessitamos. Não é uma maneira de mudar a Deus, mas sim de mudar a nós mesmos ao submetermos nosso ânimo e coração à Sua vontade.

Quando uma irmã da cidade de Bountiful, no Estado de Utah, foi acometida de uma séria doença que a incapacitou, ela alegou que seria capaz de servir melhor ao Senhor se Ele removesse suas dificuldades. Após orar durante meses pedindo para ser curada, encontrou a fé para aceitar as limitações e para confiar na vontade do Senhor. Anos mais tarde, percebeu que crescera ao suportar as dificuldades e que fora uma fonte de inspiração para muitos.

O Élder Dallin H. Oaks disse: “A convicção de que o Senhor conhece mais do que nós conhecemos e de que Ele atende nossas orações da maneira que seja a melhor para nós e para todos os Seus outros filhos é um ingrediente fundamental da fé em nosso Senhor Jesus Cristo.” (Ensign, maio de 1994, p. 99)

• *Quais são algumas das bênçãos específicas pelas quais podemos demonstrar gratidão?*

• *Como conseguiremos tornar nossas orações mais significativas?* □

ILUSTRAÇÃO DE LYNN FARRAR



Remédio para o Espírito

Michaela Bladová

Como menina que cresceu na Tchecoslováquia sob regime comunista, sempre tentei descobrir o propósito de minha vida. Ao observar meus pais e outros adultos a meu redor, pensava: “É essa a vida que terei de levar após concluir meus estudos? Será que estarei sempre cansada, infeliz e sem qualquer liberdade?” A vida parecia sem propósito.

Não acreditava em Deus porque ninguém jamais me ensinara a Seu respeito. Na realidade, os comunistas ensinavam nas escolas que não havia Deus, nem vida após a morte, nem espírito. “Então por que existo?” pensava. Sem propósito na vida, não tinha desejo algum de ser melhor. Era muito infeliz.

Num dia em 1989, enquanto cursava a universidade, uma de minhas colegas convidou-me para uma reunião onde um pequeno grupo de jovens ouvia as palavras de um homem mais velho. Ele falava com grande autoridade e fiquei impressionada. Fiquei sabendo que se chamava Otakar Vojkůvka e era de Brno, na Tchecoslováquia. Ele era membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Enquanto falava de Deus e a respeito do propósito da vida, eu sabia que dizia a verdade. Suas palavras serviam de remédio para meu espírito! Fiquei muito feliz.

Repentinamente, passei a saber que não era um pedaço de matéria sem qualquer valor que vivia por mero acaso. Eu era, na verdade, uma filha de Deus! Recebi o Livro de Mórmon, li-o, e não tive dúvida alguma sobre sua veracidade. Quando descobri essas verdades, tive a impressão de que eu já as conhecera anteriormente. Parecia-me estar despertando, removendo

óculos escuros e finalmente vendo a verdade claramente.

Naquela época, não era permitida a entrada de missionários na Tchecoslováquia. Mas naquele outono, os tchecos ganharam a liberdade por meio da “revolução de veludo” e a Igreja foi oficialmente reconhecida no país em 1990. Fui batizada em maio daquele ano.

Minha vida mudou radicalmente. Era uma alegria estudar porque agora havia um propósito na vida. Fiz muitos amigos, tentava ser uma pessoa melhor e fazer o que era certo, e comecei a perceber o que é a felicidade. Finalmente sabia por que eu existia.

Com essa alegria e esse propósito recém-descobertos, senti um grande desejo de servir como missionária. Em maio de 1992, dois anos após o batismo, recebi o chamado para servir na própria Tchecoslováquia. Logo me encontrei com as malas na estação rodoviária de minha primeira cidade, que não fica muito longe de casa. Senti-me realmente feliz durante a missão. Aprendi paciência e tolerância e tive o maravilhoso privilégio de partilhar com outros o que aprendera a respeito do propósito e do significado da vida.

Terminei agora a missão e moro em Praga, na República Tcheca. Às vezes, encontro pessoas que ensinei quando missionária, algumas das quais foram batizadas. Ainda somos amigos. Sou feliz agora pois sei o que significa amar, servir e ter caridade. Desejo viver de tal modo que cumpra o propósito de minha vida na Terra. E isso só é possível por meio do evangelho de Jesus Cristo. □

Michaela Bladová foi a primeira jovem da República Tcheca a servir uma missão de tempo integral.



UM PASSO VACILANTE DE CADA VEZ

Albert Peters

Nunca me esquecerei da mudança na vida de Atiati quando conheceu o evangelho. Contudo, nada me preparara para o milagre de seu batismo.

Já se passaram quase três décadas, mas ainda tenho vívidas lembranças do dia em que conheci Atiati. Como jovem missionário servindo nas ilhas de Samoa já aprendera muito, mas nada me preparara para Atiati.

Meu companheiro, élder Matagi e eu havíamos visitado a aldeia de Sasina muitas vezes mas sem obter muito resultado. Ao chegarmos na aldeia naquele dia em especial, não vimos adulto algum. Só encontramos crianças, que nos disseram haver a maioria dos adultos ido a uma aldeia próxima para assistir a um casamento. Mencionaram também que o único adulto por ali era Atiati.

Nunca ouvíamos falar desse homem, de modo que perguntamos às crianças onde ele morava. Elas nos explicaram e um grupinho de curiosos seguiu-nos ao nos dirigirmos para lá.

Localizada nos arredores da aldeia, a casa de Atiati parecia ameaçadora. Fazia sol, mas todas as venezianas estavam fechadas. Quando perguntamos às crianças o porquê, elas começaram a rir. "Entrem e descubram", responderam-nos.

Ao nos aproximarmos da casa, chamei. Ouvi um ruído que parecia indicar dor. Um dos meninos mais velhos correu à frente e abriu uma veneziana, gritando: "Atiati, os mórmons querem vê-lo". A seguir, as crianças saíram correndo.

Com relutância, o élder Matagi e eu entramos na casa. Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, notei uma cama em um canto da casa. Lá se encontrava uma criatura contorcida, sem barbear-se e de má aparência. Senti um desconforto tão grande que teria saído dali rapidamente não estivesse o élder Matagi segurando meu braço com tanta força. Ao nos acalmarmos, percebemos que a criatura tentava falar. Aproximei-me e perguntei se eu poderia abrir as venezianas para que ele nos visse na claridade.

Quando a luz penetrou na casa, notamos que Atiati era aleijado do pescoço para baixo e seus braços e pernas eram atrofiados. Atendendo a seu convite, sentamo-nos e





apresentamo-nos. Ele nos fez perguntas sobre a Igreja e nossas crenças, e demos a ele a primeira palestra. Encerramos com testemunhos e preparamo-nos para sair.

Senti-me emocionado quando Atiati perguntou se poderíamos orar com ele antes de sairmos. Que prazer sentimos ao ouvir alguém pedir para orar! Com humildade, o élder Matagi e eu ajoelhamo-nos e oramos. Ao sairmos, prometemos a Atiati que logo o visitaríamos novamente.

Ao voltarmos para casa naquela noite, meu companheiro e eu conversamos a respeito da situação de nosso novo amigo. Atiati contraía poliomielite havia 22 anos e a doença impossibilitava-o de usar os braços e as pernas. A única parte do corpo que era capaz de mexer era o pescoço e mesmo este movimento era limitado. E se ele fosse convertido? Será que poderia ser batizado sendo inválido? Pouco sabíamos a respeito de como lidar com um paraplégico e sentíamos-nos ineptos para tal. Finalmente chegamos ao acordo de visitar Atiati somente como amigos, e não como missionários, a fim de evitar qualquer tipo de constrangimento para ele.

No dia seguinte fomos novamente a Sasina. Havia diversas pessoas que queríamos visitar. No entanto, ao chegarmos à aldeia, todos pareciam muito ocupados para nos escutar. Depois de várias horas de trabalho infrutífero, decidimos visitar Atiati antes de voltar para casa.

Ao entrarmos, imediatamente percebi que houvera alguma mudança. Atiati estava deitado na mesma posição em que provavelmente estivera nos últimos 22 anos, mas havia algo diferente. O Atiati com que faláramos no dia anterior não tinha o desejo de viver. Falava com a voz muito fraca e sua aparência era descuidada. O homem que estava agora a nossa frente, deitado na cama, tinha um sorriso nos lábios. Numa voz límpida, convidou-nos a entrar e pediu-nos que sentássemos próximo a sua cama. Ele havia sido barbeado e suas roupas trocadas.

Vendo nossas expressões de surpresa, Atiati explicou-nos que pagara uma pessoa para barbeá-lo e banhá-lo. Até

mesmo sua roupa de cama havia sido mudada. “Hoje”, disse ele, “começo a viver novamente porque ontem minhas orações foram atendidas e vocês vieram a mim.”

Olhando-me diretamente nos olhos, ele continuou: “Espero há mais de 20 anos que alguém me diga possuir o evangelho verdadeiro de Cristo. Quero que saibam que durante mais de 20 anos, nada mais fiz que ficar deitado e ler a Bíblia. Se o que vocês ensinam for mesmo o verdadeiro evangelho de Cristo, saberei reconhecê-lo.”

Ensinar Atiati foi uma experiência da qual jamais esquecerei. Ele conseguia citar alguns trechos da Bíblia quase literalmente. Suas perguntas eram sinceras e ele rapidamente compreendia os conceitos. Falamos a respeito dos princípios do evangelho em detalhes, incluindo o sacerdócio. Atiati nada sabia acerca deste poder porque a versão da Bíblia usada nas ilhas de Samoa não o mencionava. Mostramos a ele várias referências da versão inglesa da Bíblia

que incluíam a palavra *sacerdócio* e explicamos-lhe que quando a Bíblia fora traduzida para o samoano, não havendo uma palavra para *sacerdócio*, os tradutores omitiram a palavra e o significado.

Em pouco tempo, Atiati foi convertido. Ele queria ser batizado e receber o sacerdócio. Agora tínhamos que conseguir uma maneira de batizá-lo.

Estabeleceu-se o dia e o local do batismo. Atiati pediu-nos que jejuássemos com ele a fim de termos a força necessária para suportar a prova física que seria seu batismo. Pedimos ao líder do distrito e seu companheiro que nos ajudassem. Alguns dos habitantes da aldeia zombavam de uma igreja que não conheciam e alguns até mesmo ridicularizavam Atiati devido a suas deficiências. Por essas razões, poucas pessoas na aldeia foram comunicadas sobre o batismo; não desejávamos atrair uma multidão de escarnecedores.

Marcamos o batismo para a capela de Fagamalo, uma aldeia a mais ou menos treze quilômetros de distância. A pia batismal, localizada na frente da capela no meio do



jardim, estava à vista de quem passasse pelo local. Quem quisesse observar poderia fazê-lo da rua.

O dia chegou. A fim de evitar atrair uma multidão, saímos cedo para buscar Atiati. No entanto, quando lá chegamos, a casa de Atiati estava cercada de gente.

A princípio, pensamos que algo terrível tivesse acontecido com ele durante a noite. Mas ao sairmos do carro, alguém gritou: "Atiati, os mórmons vão afogar você." As gargalhadas ecoaram. De algum modo, os habitantes da aldeia ficaram sabendo do batismo de Atiati e ali estavam para ridicularizá-lo.

As risadas continuaram ao carregarmos Atiati para o carro. Sentíamos-nos desanimados, mas a fé de Atiati não esmorecia. No caminho de Fagamalo, todos desejávamos esquecer o incidente em Sasina e falamos de trivialidades. Ao chegarmos, entretanto, ficamos horrorizados de ver a rua repleta de pessoas zombeteiras.

Ao carregarmos Atiati em direção à capela, passando pela multidão ofensiva, tive de lutar contra sentimentos de ira e frustração. O líder do distrito, sentindo nosso estado e o da multidão que se aglomerava do lado de fora para apreciar o espetáculo, prestou um testemunho emocionante e espiritual a respeito da importância do batismo. Quando terminou, pegamos Atiati e o carregamos até a pia batismal. Ao sairmos da capela, as afrontas começaram novamente.

"Atiati, seu velho bobo, você não sabe que os mórmons vão afogá-lo?"

"Atiati, você sabe nadar?"

"Ande logo, mórmons, joguem um pouco de água na cabeça dele, uma vez que ele não pode ser imerso!"

Sentíamos as forças do mal cercarem-nos ao nos prepararmos para uma das mais sagradas ordenanças do evangelho. Atiati havia-me pedido que o batizasse. Entrei na água e voltei-me para ajudar os élderes carregar Atiati para dentro da água. Ao estender meus braços para ele, Atiati olhou-nos e disse: "Por favor, coloquem-me no chão."

Fiquei desolado. Tive medo que Atiati, resoluto e decidido durante todas as semanas em que lhe ensinamos o evangelho, iria agora desistir. Hesitamos, e mais uma vez ele pediu que o colocássemos no chão.

A multidão percebeu que algo estava acontecendo. A zombaria e as gargalhadas aumentaram. Nossa fé em

Atiati esmoreceu.

Atiati, percebendo o porquê de nossa hesitação, sorriu e disse: "Este é o evento mais importante de minha vida. Sei, sem dúvida alguma, que esse é o único caminho para a salvação eterna. Não serei carregado para minha salvação! Terei fé no Senhor e em Sua ajuda."

Colocamos Atiati no chão. Os que haviam vindo para zombar sentiam-se recompensados. Para eles, parecia que Atiati recusava o batismo e que os mórmons haviam falhado.

Atiati pediu-nos que levantássemos suas mãos para que pudesse segurar o corrimão. Com enorme esforço, tentou levantar-se. As gargalhadas começaram a diminuir. Com o corpo tremendo e a testa banhada de suor, Atiati pôs-se em pé. Todos ansiávamos por ajudá-lo, mas não ousávamos. Estamos sendo testemunhas de um milagre. Um homem que estivera preso ao leito, com todas as juntas atrofiadas, incapaz de andar ou até mesmo de levantar os braços, estava agora em pé.

A multidão estava em silêncio, espantada. Ninguém se movia ou falava.

Vagarosamente, um passo vacilante de cada vez, Atiati entrou na água. Assombrado com o que estava acontecendo, eu nem me lembrava da oração batismal. Foi somente após algumas palavras reconfortantes de Atiati que consegui me dominar e realizar a sagrada ordenança. Após o batismo, Atiati pediu que o carregássemos da pia batismal para a capela, onde o confirmamos membro da Igreja e conferimos-lhe o dom do Espírito Santo.

Atiati continuava a servir de inspiração. Com uma bengala, ele rapidamente desenvolveu a capacidade de andar sem ajuda. O ramo da Igreja mais próximo ficava a quase cinco quilômetros de distância na aldeia de Aopo, onde se chegava por uma subida íngreme. Todos os domingos, Atiati saía de casa às quatro da manhã de modo a poder chegar antes da reunião, que começava às dez horas.

Na última conversa que tive com Atiati, perguntei-lhe como sabia que seria capaz de andar na manhã do batismo. Ele respondeu-me: "Elder Peters, a Bíblia ensina que a fé remove montanhas. Uma vez que a fé consegue remover uma montanha teimosa, nunca tive dúvidas que poderia consertar minhas pernas e meus braços." □

NOVA LUZ A RESPEITO DA VIDA MORTAL E DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

Por meio das revelações dadas ao Profeta Joseph Smith, os membros da Igreja possuem diversas informações novas a respeito de Jesus Cristo.

Por exemplo: Sabemos que Jesus foi escolhido na existência premortal, que criou mundos sob a direção do Pai, que apareceu e orientou profetas no Velho e no Novo Mundo antes do início de Sua vida mortal, que, como ser ressuscitado, apareceu a muitas pessoas no Novo Mundo, que em 1820 apareceu com Seu Pai e chamou Joseph Smith para ser profeta e que, no devido tempo, Ele voltará novamente para ser visto por todos.

Além disso, sabemos muitas coisas específicas sobre o ministério mortal do Salvador. Segue-se uma parte desse novo conhecimento que os santos dos últimos dias têm, devido às revelações e escrituras adicionais dadas ao Profeta Joseph Smith. Muitas das informações provêm da tradução do profeta de trechos da versão [inglesa da Bíblia conhecida como] do Rei Tiago. Essa tradução [do Profeta], conhecida atualmente como Tradução de Joseph Smith, foi um trabalho que ele descreveu como sendo “um apêndice do meu

chamado” (*History of the Church*, 1:238), uma idéia enfatizada na oitava regra de fé: “Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, *o quanto seja correta sua tradução*” (grifo nosso). Para efeitos de simplificação, o termo *Tradução de Joseph Smith* é identificado neste artigo pela abreviação TJS. (N. do T.: A edição em língua portuguesa da *Tradução de Joseph Smith*, também conhecida como *Versão Inspirada*, será publicada futuramente.)

Os comentários sobre cada uma das correções textuais e acréscimos feitos pelo Profeta Joseph Smith, mencionados a seguir, são, propositalmente, breves. Ao ler cada um dos pontos, estude também os versículos relacionados na Bíblia, de modo que os comentários sejam vistos dentro dos contextos adequados nas escrituras.

1. O nascimento de Jesus foi anunciado no Novo Mundo por meio de sinais. No Velho Mundo, os magos viram “a sua estrela no oriente” (Mateus 2:2). No Novo Mundo, uma história diferente, mas correlata, desenrolou-se conforme registrada no Livro de Mórmon, traduzido por Joseph Smith. Cinco anos antes do nascimento do grande Redentor, Samuel, o profeta lamanita,

profetizou que “(. . .) na ocasião de sua vinda (. . .) haverá grandes luzes no céu, de modo que na noite anterior a sua vinda não haverá escuridão (. . .)

Portanto haverá um dia e uma noite e um dia, como se fosse um só dia e não houvesse noite (. . .)

E eis que uma nova estrela aparecerá, uma que nunca vistes antes (. . .) (Helamã 14:3-5)

E aconteceu que as palavras (. . .) se cumpriram” (. . .) (3 Néfi 1:15)

2. Os magos chegaram algum tempo após o nascimento de Jesus. O tempo passou. Ainda nos dias do rei Herodes, os magos foram do oriente para Jerusalém. A TJS esclarece que eles perguntaram onde poderiam encontrar *a criança* que havia nascido — não um recém-nascido, conforme a maior parte das traduções dá a entender. Os magos descreveram a criança como o *Messias* dos judeus (ver TJS Mateus 3:1-2; comparar com Mateus 2:2) em vez de como o *rei* dos judeus.

Ao ouvir as palavras dos magos, Herodes reuniu todos os sacerdotes principais e escribas e exigiu saber que lugar havia sido profetizado como o do nascimento de Cristo. A TJS acrescenta que Herodes temia





**O Salmo de Louvor de Maria. Maria
alegra-se com a prima Isabel a
respeito da criança que está
carregando, o Filho de Deus.
(Ver Lucas 1:39-56.)**

enormemente, mas não acreditava nos profetas. (Ver TJS Mateus 3:4; comparar com Mateus 2:4.)

Os sacerdotes e escribas disseram a Herodes que os profetas haviam afirmado que Cristo nasceria em Belém de Judéia. Em algumas traduções [da Bíblia], Belém é mencionada como um príncipe da Judéia, mas a TJS esclarece que *Cristo é quem seria o príncipe*. (Ver TJS Mateus 3:6; comparar com Mateus 2:6.)

3. Nova compreensão a respeito da juventude de Jesus.

■ Quando Jesus tinha doze anos, Maria encontrou-o no templo com os doutores da lei. Na maioria das traduções da Bíblia, fala-se de Jesus “ouvindo” e “interrogando” os doutores. Mas a TJS esclarece que eram os *doutores* que estavam ouvindo e fazendo perguntas a Jesus. (Ver TJS Lucas 2:46.)

■ O Profeta Joseph Smith afirmou: “Até Jesus, o Filho de Deus, teve (. . .) de reprimir Seus sentimentos pelo Seu próprio bem e pelo bem de Seus discípulos e viu-se obrigado a encobrir os justos propósitos de Seu coração a respeito de muitas coisas que se relacionavam com o reino de Seu Pai. Quando ainda menino, já possuía toda a inteligência necessária que Lhe permitiria reinar e governar o reino dos judeus e discutir com os mais sábios e eruditos doutores da lei e da teologia; e comparadas com a Sua sabedoria, as teorias e práticas

daqueles homens instruídos pareciam tolices. Todavia era uma criança, e faltava-Lhe força física para defender Sua própria pessoa; e estava sujeito ao frio, à fome e à morte. (*Ensinos do Profeta Joseph Smith*, p. 384.)

Na TJS aprendemos que Jesus cresceu com Seus irmãos, tornou-Se forte e esperou muitos anos no Senhor até chegar a hora de Seu ministério; que Ele serviu sob a direção de Seu pai (José) e não falava como outros homens; e que Ele não podia ser ensinado, pois não precisava que homem algum O ensinasse. (Ver TJS Mateus 3:24-26.)

4. Atendendo ao pedido feito por Maria no banquete das bodas, Jesus perguntou-lhe como podia ser útil. Na maioria das traduções da Bíblia, a resposta que Jesus dá a sua mãe, Maria, quando esta Lhe solicita ajuda nas bodas de Caná, parece um pouco fria: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.” (João 2:4) Na TJS, as palavras de Jesus demonstram muito mais respeito por ela. Ele diz que fará o que ela Lhe pedir, pois Sua hora ainda não era chegada. (Ver TJS João 2:4.)

5. Jesus foi ao deserto para estar em comunhão com Deus. Ao invés de ter ido ao deserto para ser tentado pelo diabo como a maior parte das Bíblias afirma, a TJS diz que Jesus foi lá para estar com Deus.

(Ver TJS Mateus 4:1.) Somente após Jesus ter jejuado por 40 dias e ter estado em contato intenso com Deus, foi permitido ao diabo tentá-lo (ver TJS Mateus 4:2). Apesar disso, durante o período de 40 dias, Satanás *procurou* tentá-Lo. (Ver TJS Marcos 1:10-11.)

6. O Espírito levou Jesus ao pináculo do templo.

■ O Senhor revelou a Joseph Smith que não foi Satanás, mas sim o *Espírito*, quem levou Jesus a Jerusalém e colocou-O no pináculo do templo. (Ver TJS Mateus 4:5.) Foi só então que o diabo se aproximou Dele. (Ver TJS Mateus 4:6; ver também TJS Lucas 4:9.)

■ De modo semelhante, o Senhor revelou que Satanás não levou Jesus a um alto monte, mas que Jesus estava no Espírito e o *Espírito* levou-O e mostrou-Lhe os reinos do mundo. Foi só então que o diabo apareceu e disse que daria todas aquelas coisas a Jesus. (Ver TJS Mateus 4:8-9; ver também TJS Lucas 4:5.)

7. Jesus batizava. A maioria das traduções dizem que o próprio Jesus não realizou batismos, mas a TJS explica que Jesus *os realizou* — só que em menor quantidade que os discípulos. Ele permitia que eles batizassem como um exemplo de que deveriam dar oportunidades uns aos outros de batizar e liderar. (Ver TJS João 4:3-4.)



(Esquerda) **A Natividade.** Maria, o menino Jesus e José (ver Lucas 2:4-7). **Simeão com o Menino Jesus nos Braços.** Simeão dá graças a Deus por ter visto a salvação de Israel, como prometido a ele. (Ver Lucas 2:25-35.)

8. No princípio do ministério de Jesus, os fariseus procuraram matá-Lo.

De acordo com a maior parte das traduções, a primeira tentativa de matar Jesus aconteceu em Nazaré, próximo ao início de Seu grande ministério na Galiléia. Entretanto, a TJS revela que até mesmo no início do ministério de Jesus na Judéia, os fariseus tentaram encontrar maneiras de assassiná-Lo. Muitos deles aceitavam João como profeta, mas não acreditavam em Jesus. (Ver TJS João 4:2.)

9. Jesus não recebeu a plenitude a princípio, mas "continuou de graça em graça". Em algum momento após a prisão de João Batista, ele talvez tenha escrito um registro de seus labores. Em 6 de maio de 1833, em Kirtland, no Estado de Ohio, o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith uma parte dos registros de João. Nesse registro, João testifica a respeito do desenvolvimento espiritual progressivo de Jesus.

"E eu, João, vi que a princípio Ele não recebeu a plenitude, mas recebeu graça por graça;

E (. . .) continuou de graça em graça, até receber a plenitude (. . .)

E recebeu todo o poder, tanto nos céus como na Terra, e a glória do Pai estava com Ele, pois habitava Nele.

(. . .) Ele recebeu a plenitude da verdade, sim, mesmo de toda a verdade." (D&C 93:12-13, 17, 26)

10. Texto novo dos ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha.

■ No princípio de Seu ministério na Galiléia, Jesus pregou o que se conhece como O Sermão da Montanha. Está registrado na TJS que, em vez de dizer a todas as pessoas que não se preocupassem com a vida nem se inquietassem a respeito do que iriam comer ou vestir (conforme encontrado na maioria das traduções), Jesus deu instruções missionárias aos *Doze* e deu o conselho mencionado acima *apenas a eles*. Ele disse aos discípulos que sássem pelo mundo e ensinassem o evangelho, mas que não se preocupassem com o mundo, pois este iria odiá-los, persegui-los e expulsá-los das sinagogas. Ainda assim, os discípulos deveriam ir de casa em casa ensinando o povo. Jesus prometeu que Ele iria adiante deles e que o Pai Celestial forneceria o que precisassem para alimentarem-se e vestirem-se.

(Ver TJS Mateus 6:25-27.)

■ A TJS também esclarece nosso entendimento do que Jesus disse aos discípulos a respeito dos mistérios do evangelho. Na TJS, Ele identifica a palavra *pérolas* e a expressão "as coisas santas", mencionadas em Mateus 7:6, com os mistérios do reino. Jesus disse aos discípulos que sássem pelo mundo e chamassem todos ao arrependimento. Disse-lhes também que guardassem os mistérios do reino para si mesmos, pois não era certo dar as coisas santas aos cães (que significa "aos que não são dignos"; ver D&C 41:6) nem pérolas aos porcos, porque eles as pisariam com os pés. Jesus disse aos discípulos que o mundo não receberia o que nem mesmo eles seriam capazes de aceitar. Portanto, os discípulos não deveriam dar suas pérolas ao mundo, pois o mundo voltar-se-ia contra eles e os despedaçaria. (Ver TJS Mateus 7:9-11.)

11. Jesus ensinou que se devem realizar batismos dignamente e com autoridade divina. O Profeta Joseph Smith tomou conhecimento de um episódio do ministério do Senhor que não havia sido registrado



R.T. BARRETT



(Esquerda) **O Chamado de Pedro e André.** Jesus convida os irmãos Pedro e André para segui-Lo. (Ver Mateus 4:18–20.) **O Sermão da Montanha.** Jesus prega numa montanha que se eleva acima do Mar da Galiléia. (Ver Mateus 5–7.)



anteriormente: Durante o primeiro ano do ministério de Jesus na Galiléia, os fariseus questionaram Jesus sobre o por quê de Ele não aceitar seus batismos, uma vez que eles guardavam a lei de Moisés. Jesus respondeu que, na realidade, não guardavam a lei. Se a guardassem, eles aceitá-Lo-iam, pois fora Ele quem dera a lei. Ele disse-lhes que rejeitava seus batismos porque não tinham proveito — porque quando o novo chega, o velho é deixado de lado. (Ver TJS Mateus 9:18–21.)

12. Jesus também ensinou que o Dia do Sábado era um dia de glorificar a Deus. Durante Seu ministério na Galiléia, Jesus respondeu aos fariseus no tocante a Ele e os discípulos estarem comendo espigas de milho colhidas num campo no dia do Sábado. Foi nessa ocasião que Jesus ensinou o princípio de que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”. (Marcos 2:27) A TJS acrescenta que Jesus disse aos fariseus que o dia do Sábado fora dado ao homem como dia de repouso e como uma oportunidade de glorificar a Deus, e não simplesmente como um dia para

evitar alimentar-se. Jesus disse que uma vez tendo o Filho do Homem feito o dia do Sábado, o Filho do Homem era o Senhor do dia do Sábado. (Ver TJS Marcos 2:26–27.)

13. Jesus declarou abertamente quem Ele era, mais frequentemente do que se sabe. As correções textuais que o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith nos quatro evangelhos do Novo Testamento deixam claro que Jesus declarou abertamente quem Ele era, muito mais publicamente e com muito mais frequência do que está registrado nas outras traduções:

■ Jesus disse a Nicodemos que os santos profetas que haviam pregado no passado testificaram Dele. (Ver TJS João 3:18.)

■ Quando chamou Pedro e André para unirem-se a Ele no ministério, Jesus disse que os profetas haviam escrito a Seu respeito. (Ver TJS Mateus 4:18.)

■ Em Cafarnaum, alguns homens acusaram Jesus de apresentar-se como o Filho de Deus. (Ver TJS Marcos 3:21.)

■ Após ensinar na sinagoga em Cafarnaum no dia seguinte ao dia em

que alimentara 5.000 pessoas, Jesus abertamente ensinou a respeito de Si mesmo e de Sua missão. De acordo com a TJS, Jesus disse que ninguém poderia vir a Ele, a menos que fizesse a vontade de Seu Pai, que O enviara. A vontade do Pai era de que recebessem Seu Filho, pois o Pai testifica Dele; e aquele que recebe esse testemunho e faz a vontade do Pai será erguido por Jesus na ressurreição dos justos. (Ver TJS João 6:44.)

■ Durante o ministério do Salvador na Peréia, a TJS relata como algumas pessoas de uma multidão foram até Jesus e perguntaram-Lhe se, tendo os escritos de Moisés e dos profetas, uma pessoa que vivesse de acordo com esses ensinamentos não teria vida eterna.

Jesus respondeu-lhes que em verdade não conheciam os ensinamentos de Moisés ou dos profetas, pois, se os conhecessem, creriam Nele. O propósito desses escritos era testificar Dele, pois Ele fora enviado para que tivessem vida. (Ver TJS Lucas 14:35–36.)

■ Ainda em Seu ministério na Peréia, alguns fariseus zombaram de Jesus. Disseram que, por terem a lei e



**Cristo Cura o Homem com a Mão
Mirrada. Na sinagoga onde Jesus
curou o homem, o Senhor pergunta
se é lícito fazer o bem no Sábado.
(Ver Lucas 6:6-11.)**

os profetas, não receberiam Jesus como seu governante, acusando Jesus de tentar fazer-Se juiz sobre eles.

Jesus respondeu que a lei e os profetas testificavam Dele. Na realidade, todos os profetas, até João Batista, haviam predito Seus dias. Por que, perguntou-lhes Ele, ensinavam a lei mas negavam o que estava escrito e O condenavam, Ele a quem o Pai enviara para cumprir a lei de modo que todos fossem redimidos? (Ver TJS Lucas 16:16-17, 20.)

■ Joseph Smith aprendeu que no dia da crucificação de Jesus, quando Pilatos perguntou-lhe se Ele era o rei dos judeus, o Senhor não usou de palavras ambíguas, como sugere a maior parte das traduções, mas disse claramente que o era. (TJS Marcos 15:4.)

14. Jesus ensinou comprometimento total para com Ele e Seu evangelho. Próximo ao fim do ministério na Galiléia, Jesus começou a enfatizar mais claramente a devoção total a Ele e ao evangelho, exigida de quem espera mudar sua vida. Jesus disse que tomar sobre si a cruz, como mencionado em Mateus 16:24, significa negar o que não é de Deus e todos os desejos mundanos e guardar Seus mandamentos. Ele disse aos discípulos que não quebrassem Seus mandamentos, ainda que para salvar a vida, pois quem salvasse a vida neste mundo (quebrando os mandamentos) perderia a vida

eterna no mundo vindouro. Mas quem perdesse a vida neste mundo, por causa de Jesus, encontraria vida eterna no futuro. Devemos, portanto, abandonar o mundo e salvar a alma. (Ver TJS Mateus 16:26-29.)

■ Ao continuar o trabalho de tradução da Bíblia, o Profeta Joseph Smith aprendeu que deveríamos pelo menos estar *dispostos* a entregar a vida por causa do Senhor e do evangelho; se não estivéssemos dispostos a fazê-lo, perderíamos a vida eterna. Mas quem estivesse disposto a perder a vida pelo Senhor e pelo evangelho salvaria sua vida eternamente. Portanto, o Senhor aconselha-nos a não nos envergonharmos Dele. (Ver TJS Marcos 8:37-38, 40.)

■ Na TJS, Jesus diz-nos que, para sermos Seus discípulos, temos que tomar sobre nós nossas cruzes e segui-Lo. A TJS esclarece que tomar sobre si sua cruz significa negar tudo o que não é de Deus e todos os desejos mundanos e guardar os mandamentos do Senhor. (Ver TJS Mateus 16:26.) O Salvador aconselha-nos, pois, a procurarmos fazer as coisas que Ele ensina e nos dá o mandamento de fazê-lo. (Ver TJS Lucas 14:27-28.)

■ A TJS revela que, durante Seu ministério na Peréia, Jesus continuou a salientar o comprometimento total que é exigido para que o evangelho faça de cada um de nós uma nova pessoa. No livro de

Mateus, encontramos um jovem rico que havia recusado vender o que tinha e dar tudo aos pobres. Disse Jesus que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá pois salvar-se?” (Mateus 19:24-25)

A TJS acrescenta que Jesus observou seus pensamentos e disse que, se as pessoas abandonarem tudo por causa Dele, Deus pode tornar possíveis todas as coisas das quais Ele fala. (Ver TJS Mateus 19:26.)

15. Jesus ensinou que as crianças não precisam de arrependimento. A TJS mostra que Jesus ensinou claramente a Seus discípulos que as crianças não precisam de arrependimento. No final do ministério na Galiléia, Jesus chamou uma criança para junto de Si e disse que o Filho do Homem viera para salvar todos os que estivessem perdidos e para chamar os pecadores ao arrependimento. Ele disse que as crianças não necessitavam arrepender-se e que Ele as salvaria. (Ver TJS Mateus 18:11.)

O Profeta Joseph Smith aprendeu que posteriormente, no ministério do Senhor na Peréia, os discípulos tinham essa doutrina em mente quando inadvertidamente repreenderam os que haviam trazido as crianças a Jesus para receberem

Cristo Anda sobre as Águas. Jesus ajuda Pedro que começava a afundar após estar andando sobre as águas do mar em direção a Jesus. (Ver Mateus 14:22-33.)

bênçãos de Suas próprias mãos. Naquela ocasião, os discípulos disseram que não havia necessidade disso, pois Jesus declarara que salvaria as criancinhas. (Ver TJS Mateus 19:13.)

16. Jesus ensinou que não devemos permitir que os amigos nos desviem de Seus ensinamentos. A TJS esclarece o que o Senhor quis dizer a respeito de cortar uma mão que nos ofenda. Ele falava daqueles próximos a nós que nos podem desviar do caminho. Se, por exemplo, nosso irmão ofender-nos e não confessar e abandonar seu pecado, ele deverá ser separado de nós. O Senhor disse que é melhor vivermos a vida sem esse irmão do que ir para o inferno com ele.

Jesus disse que esse princípio se aplica mesmo àqueles que consideramos um modelo a seguir; se ele transgredir, será separado de nós. Cada um de nós deve manter-se em pé ou cair por si mesmo e nunca depender de outrem. É melhor entrar no céu sem tais amigos e companheiros do que ser atirado no inferno com eles. (Ver TJS Marcos 9:40-42, 44, 46-48.)

17. Joseph Smith aprendeu mais a respeito do que aconteceu na transfiguração de Jesus.

■ Disse o Profeta Joseph Smith: “O Salvador, Moisés e Elias entregaram as chaves a Pedro, Tiago e João no monte, quando da transfiguração.”







Cristo e o Jovem Rico. O jovem rico parte após ouvir o conselho de Jesus para que desse suas riquezas aos pobres. (Ver Mateus 19:16–26.)

(*Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 154.) O Profeta também aprendeu que o Senhor mostrara a Pedro, Tiago e João, enquanto estavam no monte, o modelo para a futura transfiguração da Terra:

“(. . .) o que permanece na fé e faz a Minha vontade (. . .) e, quando vier o dia da transfiguração, receberá uma herança na Terra;

Quando esta for transfigurada, de acordo com o modelo que sobre o monte se mostrou aos meus apóstolos; relato cuja plenitude ainda não recebestes.” (D&C 63:20–21)

■ Joseph Smith também aprendeu que o Senhor usou o termo *Elias* para referir-se a mais de uma pessoa. Quando desciam do monte, Pedro, Tiago e João perguntaram a Jesus por que a profecia dizia que o profeta Elias deveria vir *antes* do grande e terrível dia do Senhor (ver Malaquias 4:5–6), quando, na realidade, Jesus cumpria Seu ministério antes do profeta Elias vir a Ele no monte.

Jesus disse que Elias na verdade viria restaurar todas as coisas, conforme os profetas haviam escrito, mas um Elias já viera. Esse Elias preparara o caminho antes Dele, mas as pessoas não reconheceram aquele mensageiro e fizeram a ele o que desejaram. O Senhor então definiu *Elias* como sendo aquele que preparara o caminho antes Dele. Nesse momento, os discípulos compreende-

ram que Jesus falava não somente de João Batista, mas também de um outro que viria restaurar todas as coisas, conforme havia sido escrito pelos profetas. (Ver TJS Mateus 17:10–14.)

18. Alguns dos seguidores de Jesus tinham medo de confessar sua crença Nele. O Profeta Joseph Smith aprendeu algo desconhecido aos leitores da Bíblia anteriormente: Ao final do ministério de três anos de Jesus, alguns de Seus discípulos e seguidores falavam abertamente contra Ele porque tinham medo de testificar a Seu respeito a outrem. Entretanto, Ele esclareceu que poderiam arrepender-se disso. (Ver TJS Lucas 12:10–12.)

19. Devido à sua descrença, foi dito a Jesus que falasse pouco aos judeus a respeito da Israel dispersa. Jesus disse-lhes que tinha outras ovelhas que não eram daquele aprisco. Por causa da reação dos judeus, o Pai disse a Jesus que não lhes dissesse nada mais a respeito desse assunto. Disse Jesus aos nefitas: “Vós sois meus discípulos, e sois (. . .) [remanescentes] da casa de José. (. . .)

Somente isto me ordenou o Pai que lhes dissesse [aos judeus]:

Que tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também devo conduzir estas e elas ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um pastor.

E agora, por causa de sua obstinação e incredulidade, não compreenderam minha palavra; portanto o Pai me ordenou que nada mais lhes dissesse a respeito disto.” (3 Néfi 15:12, 16–18.)

20. Joseph Smith aprendeu muitas coisas que esclarecem as informações que Jesus deu aos discípulos no Monte das Oliveiras. Durante a última semana do Salvador na mortalidade, Ele voltou ao templo após havê-lo purificado no dia anterior. Nesse dia, Jesus falou de muitas coisas importantes, entre elas a futura destruição do templo de Jerusalém. Suas palavras geraram perguntas dos discípulos e as respostas do Senhor constituem o que hoje se conhece como o sermão do Monte das Oliveiras.

A maior parte das traduções deste sermão em Mateus, Marcos e Lucas inclui importantes ensinamentos e profecias. Mas durante séculos, a seqüência do sermão do Senhor levou os estudiosos do evangelho a levantarem muitas questões. Assim, não surpreende que o Senhor tenha revelado ao grande restaurador dos últimos dias, Joseph Smith, informações adicionais claras a respeito desses ensinamentos.

As novas informações dadas ao Profeta Joseph Smith são tão extensas e acrescentam tantas correções às versões existentes da Bíblia que não há espaço suficiente aqui para examiná-las em sua totalidade. Ainda



(Esquerda) A Entrada Triunfal em Jerusalém. Jesus entra em Jerusalém montado em um jumento. (Ver Lucas 19:28–40.)
No Jardim do Getsêmani. Jesus ora e sofre no Getsêmani. (Ver Mateus 26:36–46.)

assim, pode-se ressaltar que em 7 de março de 1831, o Profeta Joseph Smith recebeu Doutrina e Convênios 45. Dos versículos 15 ao 59, o Senhor faz uma revisão do que dissera no Monte das Oliveiras “como aos Meus discípulos o mostrei” (vers. 16). Ao final, o Senhor diz que “não vos será dado saber nada mais concernente a este capítulo, até que o novo testamento seja traduzido, e nele todas estas coisas se farão conhecidas” (vers. 60). Em consequência, o Profeta Joseph Smith recebeu, posteriormente ainda naquele ano, o texto Joseph Smith—Mateus incluindo de Mateus 23:39 até o capítulo 24, conforme encontrado atualmente na Pérola de Grande Valor. Mais adiante, quando traduzindo o livro de Lucas, o Profeta recebeu a tradução correta dos capítulos 12, 17 e 21 de Lucas, que relacionam-se com o conteúdo de Mateus 24.

A partir desses novos textos, estabelece-se claramente a estrutura da pregação de Jesus, e a partir daí temos um novo entendimento do que o Senhor ensinou. Seguem-se algumas das coisas que aprendemos:

■ Jesus disse claramente a Seus

discípulos que “esse povo será destruído e dispersado por entre todas as nações” (D&C 45:19) e que isso aconteceria durante “esta geração” (vers. 21) e que “todas as coisas (. . .) são somente o princípio dos sofrimentos que virão sobre eles” (Joseph Smith—Mateus 1:19).

■ Jesus disse que nos últimos dias “quando o tempo dos gentios chegar, entre aqueles que se assentam nas trevas, resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do Meu evangelho;

Mas eles não a recebem; (. . .) e por causa dos preceitos dos homens desviam de Mim os seus corações.” (D&C 45:28–29)

■ O Senhor esclareceu a sequência dizendo que “e novamente, (. . .) a abominação de desolação” cairá sobre Jerusalém. (Joseph Smith—Mateus 1:32; grifo nosso.) “Os poderes dos céus [serão] estremecidos” (vers. 36) e os justos serão levantados. Na TJS, Jesus fala de anjos que descem e reúnem os remanescentes dos justos de onde estiverem. (Ver TJS Lucas 17:38.)

■ “Mas antes que caia o braço do Senhor, um anjo soará a sua trombeta, e os santos que estiverem

dormindo surgirão para Me encontrar nas nuvens.” (D&C 45:45) “E então o Senhor assentará o Seu pé sobre este monte, e o mesmo se rachará em dois” (vers. 48) e os judeus “olharão para Mim e dirão: o que são essas feridas em Tuas mãos e Teus pés?” (vers. 51)

■ Após Jesus purificar o mundo, “Satanás será amarrado, para que não tenha lugar nos corações dos filhos dos homens.” (D&C 45:55)

21. Ao instituir o sacramento, Jesus ensinou a respeito de lembrar-se Dele. O texto restaurado das palavras de Jesus na última ceia com o Quórum dos Doze dá grande clareza e um novo entendimento às instruções do Senhor relativas à ordenança do sacramento. O texto registra que, enquanto comiam, Jesus pegou do pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o aos discípulos, pedindo que o aceitassem e comessem. A TJS deixa claro que o pão não era realmente Seu corpo, mas um *símbolo* de Seu corpo. Ele disse aos discípulos que comessem do pão *em lembrança* de Seu corpo; sempre que assim o fizessem, deveriam *lembrar esse momento com Ele*.



O Senhor fez o mesmo com a taça. Após dar graças, deu-lhes a taça e todos beberam. Ele disse que esta taça era *em lembrança* de Seu sangue, que seria derramado por muitos. Aprendemos também que a ordenança dada por Ele aos Apóstolos era um novo testamento e que eles deveriam prestar testemunho Dele a todo o mundo. Sempre que participassem da ordenança, deveriam *lembrar-se Dele e de que Ele bebera da taça com eles pela última vez em Seu ministério mortal* (Ver TJS Marcos 14:20–24.)

22. No Getsêmani, não foi Jesus quem “começou a ter pavor” mas Seus discípulos. O Profeta Joseph Smith aprendeu que em lugar de Jesus “começar a ter pavor” no Getsêmani, como sugere a maioria das traduções, foram os discípulos que tiveram pavor. Eles angustiaram-se e começaram a questionar-se se Jesus era o Messias. Jesus sabia o que se passava em seus corações e pediu aos discípulos que se sentassem enquanto Ele orava. (Ver TJS 14:36–37.) A seguir, repreendeu Pedro, Tiago e João e disse-lhes que Sua alma estava cheia de grande sofrimento, mesmo até a morte. (Ver TJS Marcos 14:38.)

A respeito da intensidade do sofrimento de Jesus para realizar Seu grande sacrifício expiatório, o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith: “Pois eis que Eu, Deus, sofri

estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como Eu sofri;

Sufrimento que Me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, e sofrer, tanto corporal como espiritualmente—desejar não ter de beber a amarga taça e recuar—

Todavia, glória ao Pai, Eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens.” (D&C 19:16–19)

23. Os soldados que crucificaram Jesus não perceberam que haviam crucificado o Filho de Deus. A tradução do Profeta Joseph Smith indica que as palavras de Jesus “não sabem o que fazem” (Lucas 23:34) referiam-se aos soldados que o haviam crucificado (Ver TJS Lucas 23:35) e a afirmativa não tem uma aplicação mais ampla, conforme algumas traduções dão a entender.

24. As últimas palavras de Jesus foram que a vontade de Seu Pai havia sido cumprida. A TJS revela que entre as últimas palavras de Jesus na cruz, não registradas em outras traduções da Bíblia, incluíam-se expressões a respeito de Sua obediência ao que Ele havia sido enviado por Seu Pai para fazer. Ao final do sofrimento, imediatamente

antes de Sua morte, o Salvador gritou em alta voz, declarando ao Pai que o trabalho estava terminado e que a vontade do Pai se havia cumprido. (Ver TJS Mateus 27:54.)

25. Houve grandes cataclismos e três dias de escuridão no Novo Mundo quando da morte do Salvador. No Velho Mundo, Lucas escreveu que enquanto Jesus estava na cruz, “era já a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona, escurecendo-se o sol;

E rasgou-se ao meio o véu do templo.” (Lucas 23:44–45)

Por meio do Livro de Mórmon, aprendemos que eventos correlatos também aconteceram no Novo Mundo, incluindo-se tormentas, tempestades, trovões, relâmpagos e terremotos. A seguir “houve trevas sobre a face da terra”. (3 Néfi 8:19)

“E aconteceu que essas trevas duraram pelo espaço de três dias, nos quais não foi vista luz alguma” (3 Néfi 8:23) enquanto a vida mortal do Senhor chegava ao fim.

Fomos abençoados muitíssimas vezes por meio do ministério do Profeta Joseph Smith. Ainda hoje, muitos membros da Igreja não conhecem o quão extensas são as revelações por ele recebidas. De grande importância entre estas revelações encontra-se o maior conhecimento que ele recebeu do Senhor Jesus Cristo e de Sua missão mortal e ensinamentos. □





As revelações modernas expandem grandemente nosso conhecimento a respeito de Jesus Cristo. Sabemos que Ele ensinou não apenas no Velho Mundo, mas também no Novo Mundo—e continua a revelar Sua vontade nos dias de hoje. (Ver páginas 8 e 32 para artigos relacionados.)

